

# O BRASIL SONHA COM LULA

Depois de passar por Salvador, Lula desperta a onda da esperança na Cinelândia, reunindo mais de 50 mil pessoas que assistiram ao comício em defesa de um novo Brasil, inclusivo, solidário e com justiça social. Junto com Alckmin, promete fazer um governo contra a fome, que voltou a crescer no país

Foto: Ricardo Stuckert

**focus**  
**BRASIL**

Fundação Perseu Abramo 11 de Julho de 2022 Nº 66

Lula acena com a recriação do Ministério da Cultura  
ONU confirma a volta do Brasil ao Mapa da Fome  
Leonardo Avritzer diz que a maioria quer mais democracia  
Democratas dos EUA querem punir golpismo bolsonarista  
A morte do cardeal Dom Cláudio Hummes, aos 87 anos



focus  
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

#### DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

#### CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

#### SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

#### CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



NESTA EDIÇÃO

# LULA FAZ A CARAVANA DA ESPERANÇA PELO BRASIL

Ao lado do candidato a vice Geraldo Alckmin, o ex-presidente se desloca pelo país para mostrar que podemos sair da crise sem esquecer do povo e fazendo o que é certo: proteger os mais vulneráveis e reduzir as desigualdades.

Página 11

**EDITORIAL.** Lula conectado ao Brasil profundo para resgatar o país do atraso

Página 4

**ENTREVISTA.** Leonardo Avritzer fala da pesquisa "A cara da democracia"

Página 6

**CULTURA.** Com artistas no Rio, o ex-presidente diz que vai ressuscitar o MinC

Página 14

**ARTIGO.** Líder do PT: Brasil comemora as leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2

Página 15

**PESQUISA.** Economia funciona como âncora para reeleição de Bolsonaro

Página 16

**SÃO PAULO.** Haddad lidera a corrida pelo governo de São Paulo

Página 18

**KAMIKAZE.** PEC dos gastos do governo é adiada. PT critica proposta

Página 19

**FOME.** ONU confirma que a insegurança alimentar cresceu com Bolsonaro

Página 20

**INFLAÇÃO.** IPCA continua assombrando brasileiro, que vê dragão soprando 12%

Página 21

**MEIO AMBIENTE.** Debate coloca Amazônia no centro do programa de governo

Página 22

**SAÚDE.** Subfinanciamento do SUS precisa ser enfrentado em 2023

Página 24

**EDUCAÇÃO.** Seminário vê ensino como estratégico para reconstrução do país

Página 25

**EUA.** Democratas querem cortar ajuda a Brasil por conta de ameaça às urnas

Página 26

**CHILE.** A nova Constituição prepara o país para apagar a herança de Pinochet

Página 28

**FRANÇA.** Macron se prepara para reestatizar empresa de energia

Página 29

**HISTÓRIA.** O movimento pela Anistia em 1975 e a sanção do 13º salário

Páginas 30 e 31

**CULTURA.** Pantanal vira fenômeno e ressuscita o melhor do folhetim nacional

Página 32

**OBITUÁRIO.** O Brasil perde Dom Cláudio Hummes e o Paulo Sérgio Rouanet

Página 34

Ricardo Stuckert





# LULA E O BRASIL PROFUNDO

**Aloizio Mercadante**

**L**ula ganhará as próximas eleições como o ser humano mais votado da história da humanidade. Isso não só pelo fato de o Brasil ter um grande colégio eleitoral, mas, sobretudo, pela persistência e seu compromisso democrático. Aos 76 anos, Lula se prepara para a sexta disputa presidencial. Desde 1989, mantém uma intensa relação com o Brasil profundo.

A força de Lula se expressa na

multidão que o acompanhou em caminhada pelas ruas de Salvador (BA), por ocasião das comemorações do Dois de Julho. Um momento de contato direto com o povo que nenhum outro candidato se dispôs a fazer. Uma ação muito forte e emocionante, com uma troca de energia impressionante, que culminou em um gigantesco ato de massa no estacionamento da Arena Fonte Nova.

No mesmo dia, em Salvador, Bolsonaro realizou mais uma de suas esvaziadas motocicletas em um evento no qual voltou a desti-

lar ódio e a espalhar fake news, na tentativa de enaltecer um governo que não entrega nada ao país. O desespero eleitoral do bolsonarismo tem sido acompanhado de provocações pontuais em todos os atos de massa realizados pela candidatura de Lula, em ataques crescentes às urnas e ao TSE e ameaças veladas ou explícitas contra a soberania do voto popular.

O Lula que visita acampamentos dos povos indígenas e assentamentos do Movimento dos Sem Terra – e que percorre as periferias das grandes cida-

des – é o mesmo Lula capaz de dialogar com naturalidade com os principais empresários do Brasil na Fiesp. É ainda o mesmo Lula que esteve na despedida de Dom Cláudio Hummes, Líder católico com compromisso histórico com a democracia e a luta dos trabalhadores. O ex-presidente o conhecia desde o tempo da luta sindical na década de 1970.

Já no Rio de Janeiro, Lula se reuniu com reitores que relataram a completa tragédia que tomou conta da educação superior brasileira. Uma situação caótica que vai desde a nomeação de reitores biônicos pelo governo Bolsonaro até a possibilidade real de universidades fecharem as portas já em setembro, em razão do arrocho orçamentário. Ao mesmo tempo, esses reitores reconhecem o salto histórico que aconteceu na educação brasileira nos governos do PT.

Em meio a depoimentos belíssimos em encontro com sambistas na quadra da Unidos da Tijuca, Lula deu centralidade ao papel fundamental da cultura na formação da identidade da Nação e destacou a necessidade de valorização dos profissionais da cultura. O ex-presidente reafirmou a intenção de recriar o Ministério da Cultura e criar comitês em cada cidade para valorizar a cultura brasileira e sua cadeia produtiva, bem como impulsionar a economia criativa.

Desde o Golpe de 2016 contra a presidenta Dilma, o setor cultural tem sido duramente atacado no Brasil. Afinal, a cultura e a educação são ambientes em que se respira liberdade e crítica, e é típico dos regimes autoritários e de golpes atacarem primeiro, justamente, esses dois segmentos.

Ainda no Rio, Lula participou de encontro com representantes das comunidades, ocasião em que ouviu relatos fortes e marcantes sobre os desafios da sobrevivência diária e de vítimas da violência do Estado. A exemplo de Marielle Franco, são pessoas que sofrem na guerra contra os pobres, especialmente a juventude negra, em razão da completa ausência do Estado e de políticas públicas.

## O MERGULHO DE LULA PELO BRASIL PROFUNDO FAZ COM QUE ELE SEJA O ÚNICO LÍDER QUE UNIFICA, DIALOGA E ORGANIZA HOJE OS MOVIMENTOS POPULARES

Lula também esteve em um enorme ato popular na Cinelândia. Aproximadamente 50 mil pessoas presentes nesse ponto histórico para as forças populares e que resgata a figura de Leonel de Moura Brizola. Foi ali que o ex-governador realizou grandes comícios. Apesar de terem disputado entre si nas eleições de 1989, Lula e Brizola sempre guardaram em comum o compromisso com a democracia e os movimentos populares, tanto que Brizola che-

gou a ser vice na chapa de Lula nas eleições de 1998.

O mergulho de Lula pelo Brasil profundo faz com que ele seja o único líder que unifica, dialoga, mobiliza e organiza hoje os movimentos populares. Por isso, também o programa de governo da chapa Lula-Alckmin, que representa um gesto mútuo de repactuação democrática para reconstruir o Brasil, é o único construído com transparência e intensa participação popular, diferentemente de projetos neoliberais fracassados que recolocaram o Brasil no Mapa da Fome, com 33 milhões de brasileiros em insegurança alimentar, e que fazem com que metade dos empregados esteja em trabalho precário e que 33% dos trabalhadores recebam um salário mínimo ou menos.

Lula encontrará um Brasil muito fragilizado do ponto de vista fiscal, com um abismo social e tensionado no campo da política. Um país que é um espelho partido que não consegue mais projetar uma imagem de reconhecimento no concerto das nações e que é uma pálida lembrança daquilo que foi nos governos do PT.

Mas, com compromissos claros com a democracia, a paz, a solidariedade, o desenvolvimento sustentável, a estabilidade, o meio-ambiente, a justiça social e a nossa soberania, é Lula quem vai recolher os cacos para reconstruir esta Nação.

A vitória de Lula será decisiva para a América Latina e é esperada por todo o mundo civilizado. Mas, especialmente, por esse Brasil profundo que vai fazer de Lula o único presidente reeleito para um terceiro mandato, o único presidente operário e o homem público mais votado da história do país.

# “O POVO ACREDITA E CONFIA NA NOSSA DEMOCRACIA”

Professor da UFMG que está à frente da pesquisa “A cara da democracia”, o cientista político aposta que Lula vence a eleição, mas não tem dúvidas em apontar que o bolsonarismo veio para ficar. “Bolsonaro conseguiu agregar movimentos conservadores de diferentes matizes e em diferentes lugares do Brasil”, diz. E, por isso, ele será o líder da extrema-direita contra o governo a partir de janeiro de 2023

**Alberto Cantalice e Pedro Camarão**

**A** pesquisa “A cara da democracia” causou um choque no país em 2018 quando mostrou que a maioria dos brasileiros era favorável à ruptura da democracia em caso de aumento da corrupção e da ocorrência de crimes. Em 2022, os resultados são diferentes: a democracia está mais forte, assim como a recusa a qualquer tipo de ruptura mesmo diante do aumento da corrupção ou da criminalidade.

Um dos coordenadores da pesquisa, o cientista político e professor da UFMG Leonardo

Avritzer, entende que a revelação do conluio entre Sergio Moro e os procuradores da Operação Lava Jato é um dos fatores que provocaram essa mudança. Além disso, a queda vertiginosa da confiança nas Forças Armadas também pode ser vista como um ponto fundamental.

“Os militares estão pagando o preço por terem apoiado o bolsonarismo”, explica Avritzer. É público e notório que, desde 2019, com a posse de Jair Bolsonaro, o número de militares em setores da administração federal cresceu vertiginosamente. É maior até do que do que havia no governo de João Figueiredo, o último da ditadura militar.

Essa ocupação do governo pelos militares acabou denunciando a incompetência deles para lidar com áreas como Educação e Saúde. O caso mais evidente é a crise da falta de oxigênio no Amazonas durante o auge da pandemia. Avritzer menciona algumas pesquisas que já estão detectando a preferência por civis e não por militares para a administração pública.

Apesar destas mudanças, são muitos os desafios que estão no caminho. Hoje, o que se vê é um fortalecimento de valores conservadores. Mas, por outro lado, também é possível perceber uma série de contradições nas crenças dos brasileiros. Um



exemplo é o apoio à agenda liberal na economia e, ao mesmo tempo, o desejo de que serviços públicos sejam fortalecidos. Um dos balanços possíveis sobre a sociedade brasileira é entender o paradoxo: “conservadora nos costumes e progressista na pauta social”. A seguir, os principais trechos da entrevista:

**Focus Brasil – A pesquisa “A Cara da Democracia” aponta que, finalmente, aumentou a crença dos brasileiros na democracia. Ela está mais fortalecida após todo o processo retrógrado que o país vive desde o Golpe de 2016?**

**Leonardo Avritzer** – A gente faz essa pesquisa, anualmente, desde 2018. Naquele ano, fizemos o levantamento em março e apareceram resultados que, naquele momento, achamos assustadores. Uma maioria de brasileiros, pequena, mas maio-

ria pela primeira vez, era a favor da ruptura com a democracia, de um golpe militar em caso de corrupção ou de aumento da criminalidade. A gente viu em maio daquele ano as manifestações na greve dos caminhoneiros, pedidos de intervenção militar, e a gente viu o resultado. Nós e os brasileiros.

Agora, a gente tem dados melhores. Mais tecnicamente, eu pergunto sobre confiança em democracia, se a democracia é a melhor forma de governo. É uma pergunta normativa que, em geral, recebe uma resposta muito alta. Mas, no entanto, precisa ser contrastada com outras situações. Por isso que é tão importante perguntar sobre aumento de corrupção e criminalidade. E aí, realmente, agora, os brasileiros começam a achar, de forma um pouco mais decisiva, que nada justifica. Não que corrupção ou crime não sejam

problemas. Claro que são, mas eles têm que ser resolvidos dentro da ordem democrática.

O nosso problema é justamente isso. De repente, você não sabe exatamente o que é corrupção porque tem um juiz que está em conluio com o Ministério Público e vai atrás de quem não gosta politicamente. É evidente que a Lava Jato criou espaço para isso. E hoje nós estamos recuperando esse espaço e vamos combater a corrupção, no campo democrático, com amplo direito de defesa, justamente o que a Lava Jato não fez. Vimos também que a Lava Jato cometeu crimes. Esperamos que um dia eles sejam punidos por isso.

**– Diminuiu o prestígio das Forças Armadas, mas a confiança nas igrejas se manteve e elas continuam sendo as instituições**

## **mais respeitadas. Esse resultado é expressão de um conservadorismo do povo brasileiro ou a questão religiosa não interfere?**

– Primeiro, vamos falar do Exército, das FFAA. Em 2018, aparecia como uma instituição entre as duas ou três nas quais os brasileiros tinham maior confiança. A confiança nos partidos em 2018 era, mais ou menos, entre 1% e 2%. A confiança no Congresso estava na faixa de 7%. A confiança nas FFAA estava acima de 30%. Isso dos que confiavam muito. Dos que confiavam muito e mais ou menos acho que ficava acima de 50%. É claro que as FFAA vão ter que pagar um preço pela aventura bolsonarista. A gente sabe como foi, digamos, essa entrada. Só para dar um exemplo, tem mais militares em cargos de primeiro e segundo escalão hoje do que no governo João Figueiredo, que foi o último governo militar no Brasil. Bolsonaro militarizou a administração pública e o fez em lugares em que os militares não têm nenhuma capacidade de gestão. Por exemplo, saúde e educação. Nós vimos [Eduardo] Pazuello, especialista em logística, deixando faltar oxigênio na Amazônia em janeiro de 2021. Não é à toa que diminuiu a confiança dos brasileiros nas FFAA. E isso ocorreu porque os militares entraram no governo, assumiram posições e acabaram se desgastando fortemente, especialmente, no Ministério da Saúde, durante a pandemia.

Tem outras perguntas que não fizemos, mas outros institutos estão fazendo: você prefere civil ou militar na educação? E na saúde? Os brasileiros estão começando a achar que os civis são melhores. Graças a Deus. Mas ainda temos esse problema das igrejas. O Brasil é um país de estruturas de confian-

ças muito frágeis. Os brasileiros não confiam em quase nada. Um pesquisador norte-americano, falecido recentemente, chamado Ronald Inglehart, fez uma pesquisa sobre valores mundiais. Ele pesquisou confiança comparativamente em quase 80 países e o resultado do Brasil foi um dos países com pior estrutura de confiança. Brasileiros não confiam em quase nada. Confiam, em geral, na família, nos amigos e nas igrejas, quando a gente coloca agregada-

## **DIMINUIU A CONFIANÇA DOS BRASILEIROS NAS FORÇAS ARMADAS. E ISSO OCORREU PORQUE OS MILITARES ENTRARAM NO GOVERNO**

damente, como vocês falaram. Mas se a gente perguntar se confia nas igrejas neopentecostais, os católicos não vão confiar. E se for sobre as católicas, os neopentecostais não vão confiar. E aí, o índice cai pela metade. “Confiança em instituições religiosas” é muito amplo.

Vivemos um processo e acho que agora o presidente Lula está tendo um enorme papel em recuperá-lo, que foi o completo colapso da confiança nas instituições políticas. Existe

uma recuperação. A maneira como Lula se aproximou de Geraldo Alckmin, a maneira como os dois têm tratado diferentes lideranças dentro do sistema político, criado uma frente interpartidária, tudo isso é extremamente importante para esse processo de recuperação. Por outro lado, a gente vê, da mesma maneira como a confiança nos militares desabou na CPI da Covid, eu acho que em pastores, em denominações neopentecostais, irá desabar se de fato for concretizada a CPI do MEC.

**– A pauta de costumes não está fazendo parte deste processo eleitoral, embora o Bolsonaro fique tentando trazer questões. A pesquisa mostra que existem avanços de apoio a valores conservadores, mas também a valores progressistas até surpreendentes. O senhor pode explicar porque valores progressistas e conservadores se misturam tanto na sociedade brasileira até de maneira contraditória?**

– A gente hoje identifica um conservadorismo oral forte no Brasil. Quase 80% dos brasileiros são contra o aborto, quase 60% são a favor da redução da maioria penal. Onde as coisas melhoram um pouco é na adoção de crianças por casais gays e ações afirmativas, que aí já conta com uma maioria de brasileiros a favor. Outras questões também: a própria discussão sobre STF, liberdade de expressão regular o que as pessoas podem dizer no que diz respeito a ataques contra a democracia e instituições democráticas, os brasileiros adotam a posição de Bolsonaro. Tudo isso aponta na direção de que o governo Bolsonaro é um fracasso absoluto sob o ponto de vista das políticas públicas que tentou implementar. Mas Bolso-

naro teve um sucesso relativo em tornar o Brasil mais conservador, em colocar as suas pautas, as agendas morais. Ele teve um sucesso relativo com relação a isso. Esse poderia ser até um balanço.

A gente ainda acha algumas posições progressistas dos brasileiros em diferentes setores ou até completamente contraditórias. A gente pode perguntar para as pessoas se elas são ou não a favor de uma agenda liberal e, em geral, elas aparecem como favoráveis à agenda liberal, mas quando você em seguida pergunta se elas são a favor de um sistema público de aposentadoria ou de saúde, também são a favor, o que não é parte da agenda liberal. Então, o brasileiro está dividido entre duas coisas: um discurso conservador, que acabou tendo influência na sociedade de 2016 para cá, mas ele sabe que as instituições estatais dão alguma segurança. Ele quer saúde estatal. Ele é a favor de educação superior pública. É a favor de aposentadoria garantida pelo Estado. Então, existe um trabalho a ser feito de reconstrução de uma pauta mais progressista a partir daquilo que o brasileiro está preocupado. É isso o que está colocado.

**– É possível cravar, então, que a maioria dos brasileiros, principalmente em suas camadas populares, é conservadora nos costumes e progressista na pauta social e econômica?**

– Acho que sim. Apesar de que se você fizer a pergunta genericamente, por exemplo, e perguntar: “você é a favor da liberalização do preço dos combustíveis?” O brasileiro vai dizer “sim”. “Você acha que o preço da gasolina na bomba deve ser controlado e limitado?” Ele também vai achar que sim. Esse, va-

mos dizer, é o nosso problema hoje. Mas eu diria que essa é uma descrição. O brasileiro é conservador em valores morais e tornou-se mais conservador do que ele era nos últimos anos. Agora, ele pode favorecer uma pauta progressista. Tem lugares onde tem enormes referências, como o Sistema Único de Saúde. Inclusive, as nossas pesquisas em 2020 e 2021 mostraram isso. A performance do SUS na pandemia foi aprovada pelos brasileiros que achavam que era necessário fortalecer o SUS.

## **BOLSONARO É UM FRACASSO PELAS POLÍTICAS PÚBLICAS. MAS TEVE SUCESSO RELATIVO EM TORNAR O BRASIL MAIS CONSERVADOR**

O que não foi aprovado foi a performance do ministro, o que é uma coisa muito diferente. Eu acho que, sim, existem instituições estatais que têm a confiança dos brasileiros

**– Com relação à reconstrução da pauta progressista, o senhor acredita que esse conservadorismo se deve ao “barulho” ou aos debates da extrema-direita lançados nas redes sociais?**

– Eu acho que tem dois luga-

res. Tivemos uma mudança no padrão religioso muito forte no Brasil. Pensa, por exemplo, qual era a estrutura religiosa no Brasil no momento da democratização. Dom Claudio Hummes faleceu agora. Era uma pessoa com enorme importância no processo de democratização, nas greves de São Bernardo e tudo o mais. Então, tínhamos uma Igreja Católica caminhando numa direção fortemente progressista. P próprio Dom Claudio apoiado pelo Dom Paulo Evaristo Arns. Isso era uma constelação de forças. E, depois, a gente tem a reação conservadora da Igreja Católica que não torna o catolicismo brasileiro mais conservador. Na verdade, isso faz com que o catolicismo perca os setores conservadores para o neopentecostalismo. Isso eu acho que é independente das redes sociais. Nem acho que as igrejas neopentecostais estejam tão fortes em termos de redes sociais. Elas são fortes mesmo em termos de tevê aberta, como a Record... Acho que ali se dá a influência delas.

E, nas redes sociais, onde ainda não temos estudos muito bons, a aparecem *youtubers* conservadores. Mas a gente não sabe exatamente quem os financia, mas quando ouço falar de um, ele já tem mais de 100 mil seguidores. E ali se reforçam agendas morais conservadoras. Bolsonaro faz uma coisa extremamente interessante que a gente ainda não consegue entender direito e que a esquerda ainda não consegue fazer tão bem: ele fala alguma coisa naquela live dele de quinta-feira, ao mesmo tempo isso aparece num conjunto de sites conservadores. Simultaneamente, aparecem vídeos no YouTube reforçando tais posições. Isso é uma coisa muito integrada,

muito bem feita. Não sei se foi inventada aqui ou no exterior, mas ajuda essa pauta mais conservadora.

Agora, a pauta conservadora está vivendo a crise do bolsonarismo. Se a gente pensar os últimos 15 dias, tanto aquele episódio do procurador chutando a corregedora na cidade de São Paulo ou quando a gente vê a juíza de Santa Catarina, a maneira como ela atuou. Esses são os primeiros debates morais onde as posições progressistas andaram prevalecendo em muito tempo. Então, tem um limite. E existe também um maior crescimento forte nas redes sociais da presença de atores e youtubers de esquerda. Então, existe um pouco mais de equilíbrio embora eu continue achando que a direita segue mais forte nas redes sociais e o bolsonarismo também.

– No Brasil, sempre existiram setores reacionários. Este é um país de tradição escravocrata. A Ação Integralista foi um movimento conservador e reacionário muito forte nas décadas de 1930 e 1940 e houve o Golpe em 1964. O senhor acha que os reacionários foram reorganizados pelo governo Bolsonaro e por isso ganha essa densidade quando ele faz lives e entra nesses debates?

– Existem raízes conservadoras e de direita no país, mas eu acho que existe muita renovação também. Existem outros fenômenos. Jacques Lambert escreveu “Os dois Brasis”. Ele já havia percebido isso no início dos anos 1960 quando escreveu o livro. Mas hoje continuam existindo setores conservadores no campo, setores agrários continuam sendo uma parte dos setores mais conservadores à frente do agronegócio no Congresso. Só que esses setores se renovaram.

Existem novos atores e existem novas agendas.

No início dos anos 1960 era toda uma discussão sobre reforma agrária. Agora é ocupação da Amazônia de qualquer maneira, com desmatamento, mas também com violência... É o mais moderno junto com o mais atrasado. Um agronegócio extremamente moderno nas suas tecnologias, mas cometendo violências contra o trabalhador do campo. E temos setores novos também que a gente ainda não entende direito, mas são

## BOLSONARO TEM MUITA FORÇA NAS REDES SOCIAIS, MAS AGORA, A PAUTA CONSERVADORA ESTÁ VIVENDO A CRISE NUMA AGENDA MORAL

muito importantes.

O livro do Bruno Manso, “A República das Milícias”, mostra muito a formação de uma sociabilidade conservadora de extrema-direita nas favelas e comunidades do Rio de Janeiro, que também é uma coisa que veio depois da democratização. A gente também vê hoje setores muito conservadores na Amazônia. Eu acho que o conservadorismo brasileiro é uma mistura do velho e do novo. Existe um

novo aí que tem a ver com processos que a sociedade brasileira passou nas últimas décadas.

– **Bolsonaro tem um teto de apoiadores ou de eleitores em função do discurso radical e das posições extremas que apresentou?**

– Eu conversava em 2017 e 2018 com algumas pessoas de institutos de pesquisa que diziam para mim com a maior convicção que o Bolsonaro jamais passaria dos 20% de preferência. Todas as pesquisas davam isso. Ainda em 2018, e até hoje, às vezes eu vejo algumas pessoas muito equivocadamente repetindo isso: “Ah, qualquer um menos o Haddad teria ganhado do Bolsonaro”. As pesquisas davam que era maior de 50% a parcela do eleitorado que dizia que não votaria em Bolsonaro de jeito nenhum. Mas votaram.

Então, o que nós temos nos últimos dois anos é que caiu de fato o apoio ao governo Bolsonaro, ele perdeu apoios que acho muito difícil que recupere. Por exemplo, na classe média mais escolarizada das capitais do Sudeste. Ele perdeu o apoio desses setores, não é que eles se tornaram lulistas, mas alguns deles vão votar no Lula. A questão é que eles já não estão dispostos a votar no Bolsonaro pela maneira como ele lidou com a pandemia, pelos diferentes escândalos, pela maneira como trata as mulheres. Bolsonaro tem um problema com o eleitorado feminino e não parece ser capaz de resolver. Já em 2018 mais homens do que mulheres votaram no Bolsonaro. Mas esse problema se acentuou pela própria maneira como ele se refere às jornalistas mulheres e se posiciona em diferentes debates.

Não gostaria de estabelecer um teto para o Bolsonaro, não.

Ele tem problema com diferentes segmentos do eleitorado. Com a população pobre da região Nordeste, com as mulheres, pelo menos da região Sudeste para cima. A região Sul hoje tem padrões mais conservadores e diferenciados. Ele tem problemas com a população negra... Tudo isso significa que o Bolsonaro sai atrás em muito grupos. Ele é capaz de reverter isso? Muito dificilmente. Mas está tentando com as maneiras que ele tem. Por exemplo, o aumento do Auxílio Emergencial... O Bolsonaro agora já tem uma posição, ele é contra assédio sexual em ano eleitoral. Nos outros, a gente não sabe. Pelo menos nunca falou sobre o assunto. Para o governo Bolsonaro, o que aconteceu ali na Caixa Econômica Federal mostra uma mudança de posição. Ele está tentando se aproximar do eleitorado feminino.

– **Um novo governo, com políticas bem-sucedidas, poderia diminuir a força da extrema-direita no Brasil?**

– Bolsonaro conseguiu agregar um movimento de atores muito diferentes. O garimpeiro que fazia garimpo ilegal na Amazônia, o neopentecostal da região Sul, alguns conservadores de classe média... Não parecia que esses movimentos poderiam estar relacionados entre si. Bolsonaro teve essa capacidade de agregação. A gente tem que reconhecer isso. Ele conseguiu agregar movimentos conservadores de diferentes matizes e em diferentes lugares do Brasil. Isso significa que o Bolsonaro, provavelmente, vai ser derrotado eleitoralmente, mas, provavelmente, ele é o líder da extrema-direita no Brasil a partir de 1º de janeiro de 2023.

Nesse ponto o Brasil é muito parecido com os EUA. Todo mundo achou que Trump es-

tivesse acabado após deixar o cargo. Não. Olha: 60% dos candidatos que ganharam primárias do Partido Republicano apoiam a posição do Trump sobre 6 de janeiro. E dizem que ele estava certo em questionar o resultado eleitoral. Então, o bolsonarismo vai continuar. Evidentemente, tem muita coisa que vai acontecer a partir daí e que a gente não conhece. A CPI do MEC, o que vai revelar? Se mostrar relações profundas entre a corrupção no MEC e o bolsonarismo, isso vai enfraquecer

## O BRASIL É PARECIDO COM OS EUA. TODO MUNDO ACHOU QUE TRUMP ESTAVA ACABADO. NÃO. SEUS APOIADORES TÊM MAIORIA ENTRE OS REPUBLICANOS

o bolsonarismo. Pode até mesmo causar uma divisão por causa da atuação dos pastores com a de outros atores. Mas, neste momento, é correto trabalhar com a ideia de que o Bolsonaro vai ser o líder de um movimento de extrema-direita de oposição ao próximo governo.

– **A esquerda tem vontade de enfrentar algumas questões consideradas disruptivas, como aborto, descriminalização**

**das drogas, diminuição da maioria penal... Mas há um temor de que isso possa influenciar no eleitorado, principalmente, de corte popular. São questões problemáticas para os progressistas brasileiros...**

– Eu concordo. Aliás, eu tive acesso a uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo com os não polarizados e esse levantamento já mostrava como a questão do aborto era muito sensível não entre os polarizados, mas, exatamente, entre os não polarizados. Discriminalização das drogas é uma questão um pouco complicada, acho que é possível uma discussão mais construtiva. Uma parte grande das democracias mais avançadas descriminalizaram pelo menos a maconha e isso tem sido uma tentativa não só de criar uma nova narrativa, mas de diminuir a população carcerária. É importante para o Brasil ter uma agenda de diminuição da população carcerária, pessoas presas que viram criminosos perigosos dentro dos presídios. O próprio governo Temer estava elaborando uma proposta nessa direção, mas não chegou a concretizá-la.

Mas o melhor mesmo é que a eleição não trate dessas questões e que elas não sejam parte da polarização. A questão central desta eleição é uma ampla frente de reconstrução da democracia, de uma política de direitos humanos, de uma política ambiental que permita ao país a sua reinserção nesses arranjos climáticos internacionais. Além de uma política emergencial de segurança para a população de baixa renda que tanto tem sofrido desde o início da pandemia. Esses são os pontos nos quais o bolsonarismo é vulnerável. São essas as questões que devem ter centralidade na campanha.



**UNIDADE** Lula e Alckmin reforçaram no comício o apoio às candidaturas de Marcelo Freixo e André Ceciliano

# LULA QUER BRASIL SEM FOME

Diante da Cinelândia com mais de 50 mil pessoas, ex-presidente diz que o Rio é importante demais e que país precisa ser mais bem cuidado. “Quem precisa do governo é o povo trabalhador, as pessoas que moram nas favelas, na periferia, as pequenas cooperativas. É para esses que a gente tem que dar prioridade. Se não, a gente não vai tirar o país da desgraça que eles meteram”, disse

O Rio de Janeiro continua lindo. Na noite de quinta-feira, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e aliados, como o deputado Marcelo Freixo, candidato ao governo fluminense, promoveram um comício com mais de 50 mil pessoas, no centro do Rio. Em discurso, o petista e os aliados destacaram a importância da união ampla das forças progressistas para derrotar o fascismo, restabelecer a democracia e resolver problemas que afligem o Estado e o Brasil, como a fome, a pobreza

e a falta de moradia que leva milhares de famílias às ruas.

A uma Cinelândia lotada, Lula disse que a fome é irresponsabilidade de quem governa e citou questões específicas do Rio como a necessidade de recuperar a indústria naval e resolver o problema da violência, assegurando a presença do Estado, com políticas públicas nos locais onde ela acontece. “Eu acho que o Rio de Janeiro é muito importante para o Brasil e não pode ficar aparecendo nas páginas de jornais apenas por conta da violência, das balas perdidas”, disse.

O ex-presidente lembrou do legado dos governos do PT. “Eu tinha consciência de que a violência tem várias razões, mas uma das principais é a ausência do Estado no cumprimento da sua função de atender às necessidades do povo”, discursou. “Se o povo tivesse emprego, escola de qualidade, área de lazer, cultura, se tivesse água boa, saneamento, não teria a metade da violência que tem no Rio de Janeiro. Eu estava convencido disso e por isso eu comecei a fazer investimento no Rio de Janeiro. Nós colocamos só na cidade do Rio de Janeiro R\$ 533 bilhões de

reais durante todo o tempo do PT no governo”.

Lula lembrou dos investimentos no setor de petróleo e gás e, especificamente, na indústria naval. Ele lamentou que o país hoje importe plataformas da China e Cingapura. O ex-presidente criticou o fato de o setor ter sido destruído em decorrência da Operação Lava Jato, que poderia ter prendido as pessoas responsáveis pelos episódios de corrupção, sem precisar destruir a indústria. “Eles puniram o povo trabalhador, com 4,4 milhões de postos de trabalho fechados e R\$ 170 bilhões que deixaram de ser investidos”, destacou.

Lula falou que o Brasil precisa voltar a ser humanizado e cuidar de quem mais precisa. “Quem precisa do governo é o povo trabalhador, as pessoas que moram nas favelas, as pessoas que moram na periferia, as pequenas cooperativas. É para esses que a gente tem que dar prioridade. Se não, a gente não vai tirar o país da desgraça que eles meteram”, disse.

O ex-presidente declarou apoio ao deputado Marcelo Freixo para o governo do Rio. Pré-candidato do PSB ao governo, Freixo lembrou da importância dos governos de Lula para o Rio e para o Brasil. “Lula saiu aos sete anos para fugir da fome e o Brasil vai trazê-lo de volta exatamente para acabar com a fome neste país”, disse, lembrando que no Estado tem cerca de 3 milhões de pessoas passando fome. “A gente preci-

sa de união muito grande para mudar a história do Rio”.

Pré-candidato a senador do Rio pelo PT, o deputado estadual André Ceciliano lembrou de realizações dos governos petistas, com a retirada de 35 milhões de pessoas da linha da pobreza, a geração de 20 milhões de empregos formais e a criação de políticas públicas que permitiram que jovens da periferia fossem para a universidade. Ele relatou a realidade do Rio hoje com pessoas com fome e

morando nas ruas e defendeu a volta de grandes investimentos para que o complexo petroquímico e projeto como das bibliotecas-parque sejam retomados. “O Rio de Janeiro precisa de emprego e de desenvolvimento social e econômico. O Rio de Janeiro precisa voltar a sorrir”, disse.

A presidenta nacional do PT, Gleisi Hoffmann, agradeceu mais uma vez os partidos que compõem o movimento Vamos Juntos

pelo Brasil, da chapa Lula-Alckmin, e disse que a união será fundamental para vencer a barbárie e evitar que o fascismo avance no Brasil. “Vamos retomar o Brasil para o povo brasileiro”, afirmou, lembrando que no atual governo o Brasil voltou ao Mapa da Fome, da ONU, e quase 700 mil pessoas morreram de Covid-19.

O ex-governador Geraldo Alckmin, pré-candidato a vice de Lula, disse que ao viajar o país com o ex-presidente vê de Norte a Sul um movimento de volta da esperança. “Vamos ter uma grande festa cívica daqui a 90 dias”. • **Agência PT**

## A VIOLÊNCIA TEM VÁRIAS RAZÕES, MAS UMA DAS PRINCIPAIS É A AUSÊNCIA DO ESTADO, QUE DEIXA DE ATENDER ÀS NECESSIDADES DO POVO

# ARTEFATO EXPLODE PERTO DO PALANQUE

A forte segurança na Cinelândia, no centro do Rio, em evento com a presença de Lula e Geraldo Alckmin (PSB), não impediu que explosivo caseiro fosse lançado na direção do palanque. As explosões não deixaram feridos e aconteceram antes da entrada de Lula no local do evento. No microfone, os organizadores pararam os discursos e pediram calma aos presentes. Um suspeito foi detido e levado até a delegacia.

A preocupação com a segurança já havia levado a organização do evento a cercar parte da Cinelândia. Para acessar a área do ato, apoiadores passaram por revista e detectores de metal. Em nota, o PT informou que “estouraram dois artifícios de fogos, causando barulho, jogados de fora para dentro da área do ato”. O comunicado disse ainda que os artefatos fizeram barulho, mas ninguém se feriu nem houve tumulto.

A polícia identificou como suspeito André Stefano Dimitriu Alves de Brito, 55 anos. Ele se utilizou de adesivos do PT para se infiltrar na multidão. Levado para a delegacia de política PMs, ele vestia camisa preta de mangas compridas, onde estavam colados os decalques de campanha com as inscrições: “Lula, Freixo, André & Eu”.

Na delegacia, ele confessou o crime, mas não quis prestar depoimento. Informalmente, disse não ter “inclinação política ou ideológica” e que teria promovido o ataque como forma de protesto a uma alegada polarização que prejudica o país. •



# ESTADISTA: “PAÍS PRECISA DE ARTE, EMPREGO E TRABALHO”

O ex-presidente e Alckmin têm encontro com profissionais do samba, no Rio. Ele assume o compromisso de recriar o Ministério da Cultura, extinto pelo governo Bolsonaro

O Brasil, um dos países com a cultura mais ativa e pulsante do mundo, tem perdido sofrido com o desmonte das políticas públicas voltadas para o fomento e incentivo aos artistas e à produção cultural e artística nacional. Na quarta-feira, 6, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e Geraldo Alckmin selaram um compromisso histórico para resgatar a cultura nacional.

Lula anunciou que, caso seja eleito em outubro, uma das primeiras ações de seu novo governo será a recriação do Ministério da Cultura, extinto por Jair Bolsonaro em 2019. “Nós vamos restabelecer, recriar, o Ministério da Cultura, que foi destruído neste país. Segunda coisa, vamos criar comitês culturais nas cidades”, anunciou, durante um encontro com profissionais do samba, na quadra da escola Unidos da Tijuca.

Para uma barracão lotado, o

ex-presidente prometeu, caso volte a governar o país, a tratar o setor cultural com o respeito devido. “Em todos os estados que eu vou, tenho conversado com os mais diferentes setores da cultura brasileira para que a gente defina, de uma vez por todas, que cultura não é bico”, disse. “Cultura é arte, emprego, trabalho, e a gente precisa tratar com respeito o pessoal da cultura, que ficou passando privações por conta da política de destruição do atual presidente”, completou.

Na opinião de Lula, um evento como o carnaval que, antes da pandemia, gerava para os cofres do Rio de Janeiro cerca de R\$ 8 bilhões por ano, precisa de mais apoio do poder público. “Por que que o samba não entra no orçamento da prefeitura, do estado e da União? É uma indústria capaz de produzir emprego e profissionalização”, afirmou.

Lula defendeu que o samba e todas as demais expressões

da cultura brasileira precisam ser tratados como uma indústria. “Nós vamos definir com vocês como tratar o samba como uma indústria de geração de oportunidades para o povo brasileiro, e o carnaval também”, disse. “O papel do Estado é garantir que as pessoas conheçam o Brasil na sua plenitude, e um país que não desenvolve a cultura é um país fadado a ser pobre espiritualmente”.

Ao discursar antes de Lula, Geraldo Alckmin celebrou a derrubada dos vetos que Jair Bolsonaro havia imposto sobre as Leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc, que juntas asseguram quase R\$ 7 bilhões para o setor. “Nós estamos comemorando uma grande vitória, que foi a derrubada do veto do pior presidente da história do Brasil à Lei Paulo Gustavo e à Lei Aldir Blanc, grande conquista da nossa cultura. Que a cultura seja inspiração para nós nesta caminhada cívica”, disse. •

# VITÓRIA DA CULTURA

O Congresso Nacional derruba o veto do Palácio do Planalto às leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2, que garantem recursos públicos para o setor cultural. É uma derrota para o bolsonarismo, mas um ganho para o Brasil e todos os trabalhadores atingidos pela pandemia

Reginaldo Lopes

O Congresso Nacional derrubou, na terça-feira, 5, os vetos de Jair Bolsonaro às leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2. Ambas garantem recursos para amenizar os efeitos da pandemia no setor cultural. Foi uma derrota do obscurantismo bolsonarista e uma vitória extraordinária do povo brasileiro, em especial dos milhares de artistas, agentes e fazedores de cultura.

A Lei Paulo Gustavo prevê o repasse de R\$ 3,86 bilhões em recursos federais a estados e para o setor da cultura, que foi das mais impactadas pelas restrições adotadas durante a crise sanitária. São R\$ 2,79 bilhões para ações no setor audiovisual e R\$ 1,06 bilhão para ações emergenciais no setor cultural.

Já a Lei Aldir Blanc garante o repasse anual de R\$ 3 bilhões aos governos estaduais e municipais, durante cinco anos, para financiamento de iniciativas culturais. Os trabalhadores do setor foram os primeiros a paralisar suas atividades com o início da pandemia da covid-19 e,



agora, merecidamente, terão o estímulo financeiro para que retomem as atividades.

Graças ao trabalho do PT e de outros partidos de oposição, foi possível um acordo para a votação, em bloco, da derrubada dos vetos. Isso signifi-

ca assegurar recursos ainda em 2022 para o setor cultural em todo o país, via Lei Paulo Gustavo. É um avanço por garantir recursos para estruturar o Sistema Nacional de Cultura para os próximos anos. As duas iniciativas se complementam e fortalecem um setor estratégico do país, inclusive para a geração de empregos e renda.

As duas leis surgiram de um processo de construção coletiva, com mobilização nacional do setor cultural e ação dos parlamentares. A Lei Paulo Gustavo é de autoria do líder do PT no Senado, Paulo Rocha (PA), e foi relatada na Câmara pelo deputado José Guimarães (PT-CE). Ela foi inspirada na Lei Aldir Blanc, apresentada pela deputada Benedita da Silva (PT-RJ).

Ao contrário da visão retrógrada e obscurantista do bolsonarismo, é fundamental a realização de investimentos na cultura. Trata-se de um setor estratégico

que precisa ser atendido de forma suprapartidária. São mais de 6 milhões de pessoas envolvidas em trabalhos culturais.

Cabe destacar que a Lei Paulo Gustavo articula e reforça o Sistema Nacional de Cultura, ao exigir a adoção de seus instrumentos pelos entes federados – plano de cultura plurianual, fundo de cultura e conselho de cultura –, assim como a ampla participação social na destinação de recursos.

A lei será aplicada de forma mais ágil, pois já há experiência adquirida, com uma rede com cadastros de agentes culturais. Outra evolução é o prazo de execução de seus recursos até 31 de dezembro de 2022 e prestação de contas ao longo de 2023, evitando os problemas de curto prazo, além de previsão de formas simplificadas, com foco no cumprimento do objeto.

Não só a classe artística será beneficiada, mas toda a sociedade. Quando a cultura é valorizada, é o Brasil que sai ganhando. Como diz a música de Milton Nascimento, “todo artista tem de ir aonde o povo está/ Se foi assim, assim será”. Viva a cultura brasileira! •

Economista, é deputado federal por Minas Gerais e líder da bancada do PT na Câmara dos Deputados.



# ECONOMIA DIFÍCIL REELEIÇÃO

Piora do cenário prejudica o presidente, que aposta em PEC do Desespero no esforço para conseguir ao menos o segundo turno. Mas Lula segue na dianteira, segundo Quaest e PoderData

**Matheus Tancredo Toledo**

**D**uas pesquisas lançadas na última semana dos institutos Quaest e PoderData mantêm acesso o sinal vermelho no Palácio do Planalto, apontando as dificuldades do presidente Jair Bolsonaro em busca da reeleição em outubro. Os dados mostram que não houve variação acima da margem de erro nos números totais divulgados sobre os cenários de intenção de voto.

Segundo a pesquisa Quaest, realizada em parceria com a Genial Investimentos entre 29 de junho e 3 de julho, com 2 mil entrevistas presenciais, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) mantém a liderança folgada na

corrida eleitoral, alcançando 45%, seguido por Bolsonaro com 31%, Ciro Gomes (PDT) com 6%, André Janones (Avante) e Simone Tebet (MDB), com 2% cada, e Pablo Marçal (PROS) com 1%. Outros candidatos não atingiram 1% das intenções de voto.

Em meio ao quadro de agravamento da crise social, a pesquisa Quaest indica que a agenda do eleitorado permanece a mesma. Somando os que mencionam que o principal problema do Brasil é econômico com os que apontam questões sociais, são 61% dos brasileiros listando temas como a inflação, desemprego, fome, miséria e desigualdade como os grandes vilões para o país no momento.

Para 64% a economia brasileira está no rumo errado, número que permanece estável desde janeiro

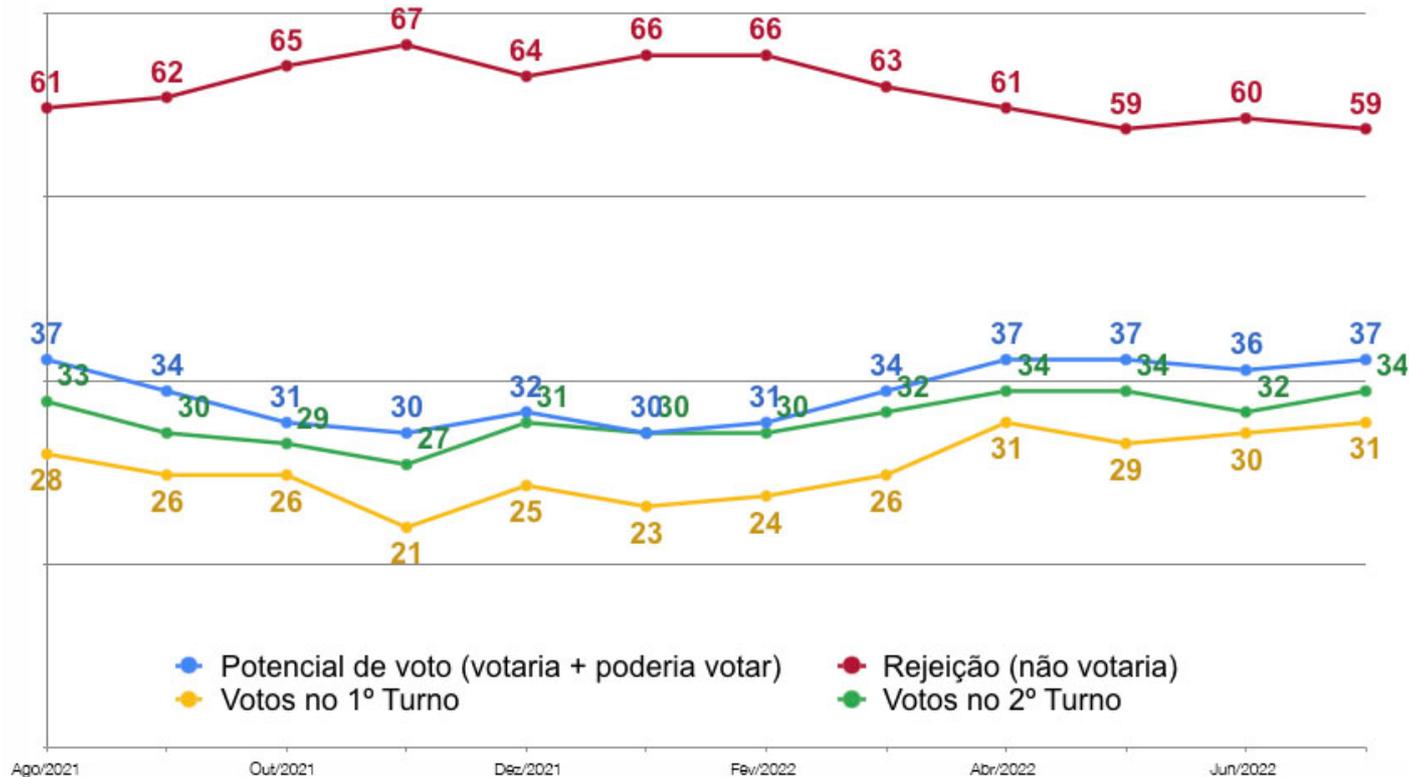
deste ano. São 54% os que relatam dificuldade em pagar contas nos últimos três meses. Faltando cerca de 90 dias para o primeiro turno das eleições, é nebuloso se haverá tempo dos arroubos eleitorais do presidente da República surtirem efeito.

Em comparação com a última pesquisa, realizada no começo de junho, Lula caiu 1 ponto percentual, Bolsonaro subiu 1 ponto, Ciro também caiu 1 ponto, Janones manteve seu patamar e Simone Tebet cresceu 1 ponto. Como a margem de erro da pesquisa é de 2 pontos percentuais, a situação é de estabilidade.

No entanto, comparando com a primeira pesquisa do ano, realizada em janeiro, Lula manteve seus 45% e Bolsonaro subiu de 23% para 31% - um movimento

# Potencial de voto em Bolsonaro e votação nos dois turnos

Dados coletados em pesquisas pelo Instituto Quaest



Elaboração: Noppe/FPA

de recuperação de parcela de seu eleitorado de 2018, já apontado pelo Noppe em artigos anteriores.

O levantamento do PoderData, realizado entre 3 e 5 de julho, por coleta telefônica de 3 mil entrevistas, aponta que Lula tem 44% em primeiro turno, seguido por Bolsonaro, com 36%. Ciro tem 5%, Janones e Tebet, 3%, cada. Outros candidatos não chegaram a 1% das intenções de voto.

Em comparação com a última pesquisa, realizada entre os dias 19 e 21 de junho, Lula manteve 44%, Bolsonaro subiu 2 pontos, Ciro caiu 1 ponto, Janones subiu 1 e Tebet, 2 pontos. Em relação a um mês atrás, no entanto, tanto Lula quanto Bolsonaro oscilaram um ponto percentual para cima – 43% e 35%, respectivamente. O instituto captou, desde janeiro deste ano, um crescimento de Lula dentro dos limites da margem de erro, de 42% para 44%, e acima da margem para Bolsonaro, de 28% para 36%.

Nos cenários de segundo tur-

no, a Quaest traz uma vantagem de 19 pontos para o petista, que tem 53% contra 34% de Bolsonaro. Ambos os candidatos se aproximam na segunda volta de seus “tetos eleitorais”, ou seja, o potencial máximo de votos de cada candidato – a soma de quem com certeza votaria com os que podem votar em cada nome apresentado pela pesquisa.

Lula tem um potencial de votos de 56% do eleitorado, número que tem se mantido estável – considerando as margens de erro –, enquanto o potencial de Bolsonaro é de 37%. O petista não seria votado de jeito nenhum por 41% do eleitorado, enquanto o atual presidente conta com 59% de rejeição. O levantamento PoderData traz um quadro mais equilibrado na disputa de segundo turno: Lula teria 50% contra 38% de Bolsonaro – número não tão distante do potencial apontado pela Quaest.

A recuperação de antigos apoiadores e o crescimento em

diversos segmentos da sociedade ainda não possibilitaram ao atual presidente alterar de forma significativa um quadro que até o momento praticamente inviabiliza sua reeleição – visto que muito mais da metade do eleitorado ainda descarta votar em Bolsonaro. Desde janeiro, sua rejeição caiu de 66% para 59%, um patamar ainda majoritário.

Não à toa, o governo tem mobilizado esforços junto ao Centrão e sua base de apoio parlamentar para aprovar medidas que têm sido chamadas de “PEC do Desespero”. O pacote mobiliza recursos na ordem de R\$ 42 bilhões para empenho em medidas de auxílio às vésperas do início da campanha presidencial, uma tentativa do presidente em recuperar apoio na base da pirâmide social e em categorias laborais específicas, como os caminhoneiros autônomos. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.



Ricardo Stuckert

# HADDAD LIDERA EM SÃO PAULO

Pela primeira vez, um candidato da esquerda pode vir a ocupar o Palácio dos Bandeirantes. Pesquisa Quaest mostra o ex-prefeito com 35%, muito à frente de Tarcísio, que tem 14%, e Garcia, 12%

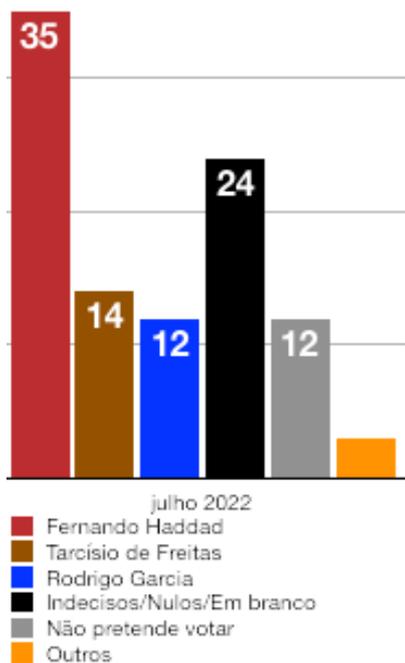
**N**a eleição do maior colégio eleitoral brasileiro, o PT está fazendo bonito, liderando as pesquisas para o governo de São Paulo. Dois institutos mostram que o ex-prefeito Fernando Haddad é o preferido do eleitorado paulista. Na pesquisa Quaest/Genial, divulgada na quinta-feira, 7, Haddad tem 35%. Ele está muito à frente dos concorrentes: Tarcísio de Freitas (Republicanos), que está com 14%, e Rodrigo Garcia (PSDB), com 12%. Os candidatos Felício Ramuth (PSD) e Vinicius Poit (Novo) têm 2%, cada. Brancos, nulos ou não pretende votar são 24% e indecisos, 12%.

O Datafolha já havia apontado que petista com 34% da preferência, enquanto Tarcísio, candidato do presidente Jair Bolsonaro, está tecnicamente empatado com o governador tucano. Ambos têm 13%. Na corrida para o Senado Federal, Márcio França (PSB) lidera com 27%, seguido por Paulo Skaf (Republicanos), com 13%, Carla Zambelli (PL), com 9%, Janaína Paschoal (PRTB), com 7%, Milton Leite (União Brasil), com 5%, e Aldo Rebelo (PDT), com 3%.

Diretor da Quaest, o cientista político Felipe Nunes diz que a pesquisa continua mostrando a importância da desistência de Márcio França da corrida para o

governo do estado. “Com França, Haddad fica próximo dos 30%. Sem França, se aproxima dos 40%. Tarcísio e Garcia aparecem tecnicamente empatados”, pondera.

“A eleição parece [o jogo de estratégia] War, cheio de disputas por território. Haddad é favorito na capital. Tarcísio tem intenção de voto proporcionalmente maior no interior. Garcia é o único que tem a mesma proporção de votos nas diferentes regiões do estado”, explica. “A pergunta, portanto, é: quem vai para o segundo turno contra Haddad? A primeira tarefa de Tarcísio e Garcia é aumentar conhecimento. Garcia é conhecido por 34% e Tarcísio por 32%.



Ou seja, o tempo de TV que eles terão (a mais ou a menos) poderá ser decisivo”.

A pesquisa da Quaest tem margem de erro de 2,4 pontos percentuais para mais ou para menos. O levantamento foi feito entre os dias 1º e 4 de julho, ouvindo 1.640 eleitores com 16 anos ou mais. Segundo o instituto, foram realizadas entrevistas, pessoalmente, com a aplicação de questionários estruturados. A amostra tem 95% de confiança.

O instituto também simulou cenários de segundo turno. Numa disputa entre Fernando Haddad e Tarcísio de Freitas, o petista vence com 44% e o ex-ministro, 28%. Votos em branco, nulos ou daqueles que não pretendem votar somam 21% e os indecisos, 8%. Se o segundo turno for entre o tucano e o ex-prefeito, Haddad tem 42% e Garcia, 27%. Votos em branco, nulos ou aqueles que não pretendem votar totalizam 23%. Os indecisos somam 7%.

No cenário de segundo turno entre Tarcísio de Freitas e Rodrigo Garcia, este tem 28% e Tarcísio, 25%; brancos, nulos ou não pretende votar são 33% e indecisos, 14%. •

# ADIADA A PEC KAMIKAZE

PT denuncia caráter eleitoreiro da proposta e denuncia Bolsonaro por crime eleitoral: “Não justifica reconhecer Estado de Emergência com prazo para terminar”, aponta o líder Reginaldo Lopes

O presidente da Câmara, deputado Arthur Lira (PP-AL), decidiu adiar para esta terça-feira, 12, a votação em primeiro turno da PEC Kamikaze, apresentada pelo governo para ampliar os gastos do governo em R\$ 41,2 bilhões, com um pacote de bondades de olho na reeleição do presidente Jair Bolsonaro. Uma manobra de obstrução da oposição com o PT acendeu o sinal amarelo para o líder do Centrão.

O PT denunciou o crime eleitoral cometido pelo Palácio do Planalto. “A emergência, de fato, é uma tentativa de enganar o povo brasileiro. É uma tentativa de transferir para o Parlamento a responsabilidade do desgoverno do Bolsonaro e de transferir para o conjunto de deputados e senadores o crime eleitoral”, criticou o líder do PT na Câmara, deputado Reginaldo Lopes (MG).

O baixo quórum de apenas 427 parlamentares levou Lira a temer insistir na votação ainda na noite de quinta-feira. 7 Para aprovação de PEC são necessários 308 votos, e na votação de encerramento de discussão a base bolsonarista conseguiu 303 votos.

A proposta, que na prática permite ao governo ampliar benefícios sociais não autorizados em ano eleitoral, como a elevação do Auxílio Brasil de R\$ 400 para R\$ 600 e auxílio de R\$ 1 mil para caminhoneiros, tramita em conjunto com a PEC 15/22, que trata de estímulos tributários aos biocombustíveis e reconhece o Estado de Emergência no país até 31 de dezembro. O governo espera com a medida justificar a elevação



**JOGADA** Aliado de Bolsonaro, Lira adiou com medo de derrota

“extraordinária e imprevisível” dos preços do petróleo, combustíveis e seus impactos sociais.

Desta forma, as despesas excepcionais e eleitoreiras não estariam sujeitas às principais regras fiscais vigentes, como o regime de teto de gastos, a regra de ouro e a meta de resultado primário. A PEC também prevê recursos extras para o vale-gás de cozinha, o programa Alimenta Brasil, os taxistas, o financiamento da gratuidade no transporte coletivo de idosos e para compensar estados que reduzirem a carga tributária dos biocombustíveis.

Reginaldo Lopes afirmou que a bancada do PT é favorável aos benefícios, mas contrária à fórmula do procedimento. “Não justifica reconhecer Estado de Emergência com data para iniciar e data para terminar. A data é dentro do processo eleitoral. O que nós estamos assumindo é o crime eleitoral de Bolsonaro. É evidente que é crime o que estamos fazendo aqui!”, alertou. •



Reprodução/Adobe Stock

# BRASIL VOLTA AO MAPA DA FOME

61 milhões de brasileiros sofrem com insegurança alimentar, de acordo com as Nações Unidas. A responsabilidade direta é do governo Bolsonaro. “É vergonhoso. Foi um grande trabalho da sociedade brasileira para tirarmos o país desse índice”, lamenta Lula

**O** desmonte de políticas públicas que nortearam ações de combate à fome nos governos do PT, responsáveis pela saída do Brasil do Mapa da Fome em 2014, durante a gestão de Dilma Rousseff trouxe consequências trágicas ao país. A destruição do tecido social brasileiro operada por Jair Bolsonaro desde 2019 empurrou o país de volta para a lista de países cuja população

sofre com insegurança alimentar moderada e grave.

A confirmação foi dada pela Organização Mundial das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). O relatório que mede estado da insegurança alimentar no mundo aponta que o Brasil tem pelo menos 61 milhões de pessoas com insegurança alimentar, grave ou moderada. Isso significa que três em cada dez brasileiros passam fome.

O levantamento da FAO considera o período entre 2019 e 2021. Segundo a agência da ONU, 15,4 milhões estão na categoria de insegurança alimentar grave. São aqueles que estão famintos e não têm o que comer. O desastre de Bolsonaro foi tão profundo que o quadro no país já é mais grave do que a média mundial. Enquanto no planeta a insegurança alimentar atinge 28,1% da população, no Brasil, o índice bateu 28,9%. De acor-

do com a FAO, em 2021, 823 milhões de pessoas passaram fome no mundo.

“É vergonhoso ver o Brasil voltar ao Mapa da Fome”, protestou o ex-presidente Lula. “Foi um grande trabalho da sociedade brasileira para tirarmos o país desse índice, e vamos ter que trabalhar de novo, juntos, para não termos mais pessoas sofrendo com fome e pobreza”, destacou.

Os números do Brasil inclusive contribuíram para que a América do Sul tivesse uma piora nos indicadores. “A insegurança alimentar também continuou a piorar na América Latina e no Caribe, impulsionada em grande parte pela América do Sul, embora a deterioração tenha diminuído após um aumento relativamente acentuado da insegurança alimentar em 2020”, diz um trecho do relatório da FAO.

“O número de pessoas em insegurança alimentar na região sugere que o problema não se limita mais aos grupos sociais que vivem na pobreza há muito tempo”, confirma o representante regional da FAO, Julio Berdegue. “A insegurança alimentar já atingiu as cidades e dezenas de milhares de famílias que não a vivenciavam antes”.

O diretor do Programa Mundial de Alimentos (PMA) da ONU no Brasil, Daniel Balaban, confirmou que o país já caminhava para o Mapa da Fome antes da crise sanitária, argumento também defendido pela ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Tereza Campello.

“A pandemia não é a maior culpada pelo Brasil estar de volta a esses números extremamente altos de pessoas com fome. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo”, aponta Balaban. “A população precisa do apoio de políticas públicas para ser incluída na cidadania, incluída na sociedade”. • **Agência PT**



**CARESTIA** Sem política de estoques, por percepção equivocada do Ministério da Economia, preço dos alimentos se mantém em alta contínua

## INFLAÇÃO AGORA É DE 12%

Com aumento de 0,67%, IPCA registra maior alta no mês desde 2018, quando índice bateu 1,26%. Cada vez mais brasileiros parcelam comida no cartão.

“A crise é enorme”, alerta o senador Paulo Paim

**S**em dar trégua na pressão causada pelas altas dos preços dos alimentos, a inflação do ministro da Economia, Paulo Guedes, continua a castigar o povo. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou alta de 0,67% em junho, superando maio, de 0,47%. É a maior alta para junho desde 2018, quando bateu 1,26%. Com isso, no acumulado de 12 meses, o IPCA registra alta de 11,89%. Só neste ano, o índice aponta aumento de 5,49%.

O desastre inflacionário de Guedes, por conta da sua desastrosa política econômica, responsável pelo endividamento das famílias, hoje na casa dos 77%, continua a manter o IPCA distante da meta do Banco Central para 2022: 3,5%. Isso mesmo considerando a margem de tolerância de 1,5% percentual para mais ou para menos.

Mais de 77% das famílias brasileiras estão endividadadas, segundo pesquisa da Confederação Nacio-

nal do Comércio (CNC). É o maior índice desde 2010. “As famílias mais pobres são as mais atingidas. Entre as causas estão: alta inflação, taxa de juros, orçamento pressionado. A crise é enorme”, denuncia o senador Paulo Paim (PT-RS).

Como o governo não tem nenhuma política de controle de estoques e regulação de preços, os alimentos seguem puxando as altas inflacionárias. O grupo de alimentação e bebidas sozinho disparou 0,8% em junho. Segundo o IBGE, a categoria responde por 21,26% na média da inflação. E, apesar de outros grupos registrarem altas mais expressivas, os alimentos pesam pelo fato de integrarem a maior parte dos gastos das famílias brasileiras.

Ainda de acordo o IBGE, o aumento de 2,99% nos planos de saúde também pesou no resultado, depois que a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) liberou um reajuste abusivo de 15,5% nos planos individuais. Além disso, nenhum grupo ficou de fora das altas, em maior ou menor medida. • **Agência PT**



# FUTURO ESTÁ NA AMAZÔNIA

Seminário discute os pontos de uma política de desenvolvimento social e econômico para a região amazônica, colocando a sustentabilidade no centro do programa de governo

**U**m eventual governo Lula vai sinalizar imediatamente que não haverá mais convivência com ilegalidades praticadas na demarcação de terras indígenas, quilombos, impedindo a depredação da Amazônia. Este foi um dos pontos em debate tratado por especialistas e políticos que defendem uma guinada na política para o desenvolvimento da região amazônica.

O assunto foi discutido no seminário Diálogos pelo Brasil, realizado em 1º de julho, ao abordar as propostas para o programa de governo do movimento Vamos Juntos pelo Brasil, capitaneado pela chapa Lula-Alckmin. O evento foi mediado pela professora Raimunda Monteiro, da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), e contou com a partici-

pação de Adriana Ramos (Rede), do prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, e do ex-governador João Capiberibe (PSB).

“Precisamos mudar os pilares da economia brasileira. Desde a morte de Chico Mendes, começamos a formatar uma economia que pudesse dar respostas aos dramas sociais que vivemos”, comentou Capiberibe. Para ele, a Embrapa, criada em 1973, se tivesse sido voltada para a biodiversidade, teria gerado fomento e desenvolvimento regional.

Ele sugere unificar os órgãos federais com os estaduais, financiar as vinícolas, apoiar os produtores de cosméticos, e união com as universidades para fomentar a economia amazônica.

“Temos uma infinidade de óleos que poderiam ser colocados no mercado, o caso do açaí é patético.

Levado para os Estados Unidos, eles criaram vários sub-produtos a partir do açaí. Não nos ensinaram a conhecer a floresta e transformar a biodiversidade em riqueza e agora o açaí nos mostra isso. O produto gera US\$ 18 bilhões no comércio mundial”, disse.

O ex-governador pratica a economia amazônica produzindo vinho de açaí. “A indústria vinícola da Amazônia vai explodir. A Embrapa deveria estar fazendo isso, mas até hoje não fez os estudos sobre fermentação”, destacou. “Temos condição de produção enorme”.

Representando a Rede, Adriana Ramos lembrou ações que já foram realizadas para retomar uma economia ligada à experiência dos povos e comunidades da Amazônia. “A diversidade de produtos em relação ao que o merca-



**QUESTÃO CENTRAL** Rodrigues defende que a Amazônia esteja no centro das políticas do governo Lula

do absorve precisa ser revista. São múltiplos produtos”, disse.

O prefeito de Belém, Edmilson Rodrigues, disse que, durante o lançamento da candidatura presidencial do movimento Juntos pelo Brasil, viu mudanças. “Temos um Lula com uma consciência nova e revolucionada, sempre sensível às causas sociais”, comentou. “Investir em políticas aos que mais precisam, num país desigual como o nosso, só é possível com a liderança e conhecimento que Lula tem para combater as desigualdades e determinação política de mudar”.

Edmilson defendeu que a Amazônia seja central nas propostas de governo. “Coisas poderosas podem ser realizadas. A Ufopa, por exemplo, é considerada uma das maiores universidades do país e nossa diversidade é de uma riqueza a ser descoberta”, lembrou. “Temos muitas comunidades indígenas, quilombos, muitas formas de se relacionar com a natureza. Há que se considerar a grande heterogeneidade da Amazônia”, explicou, citando os ensinamentos de Aziz Ab’Saber sobre o potencial da região. •

# DEVASTAÇÃO CONTINUA

## Desmatamento na Amazônia e no Cerrado cresce 20%

O governo Bolsonaro promove uma política devastadora para a Amazônia e o meio ambiente. Sem nenhuma preocupação do Palácio do Planalto em cuidar dos recursos naturais e dos povos tradicionais, o desmonte na área ambiental segue em curso. O número de incêndios na Amazônia e no Cerrado teve alta de 20%, segundo dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), que detectou também que as áreas de desmatamento na Amazônia bateram recorde em abril, com a derrubada de mais de 1.000 km<sup>2</sup> de floresta.

É a primeira vez que um dos primeiros quatro meses do ano apresenta desmatamento que ultrapassa a casa de mil quilômetros quadrados. Por onde se olha, os números assustam. O desmatamento na Mata Atlântica supera em 66% o verificado em 2021.

Bolsonaro não esconde o desprezo pelo meio ambiente e autorizou uma política de “passar a boiada” sem se preocupar com a preservação de biomas importantes como a Amazônia, ou mesmo pelo respeito às terras indígenas, além de promover um desmonte da proteção.

Nos tempos dos governos do PT, a realidade era bem diferente, com a criação de políticas públicas eficientes para frear a devastação. Entre 2004 e 2012, por exemplo, a taxa de desmatamento na Amazônia caiu 80%, segundo o Inpe.

Lançado em 2004, no início do primeiro mandato de Lula, o Plano de Ação para Prevenção e Controle do Desmatamento na Amazônia Legal propôs um conjunto de medidas pela proteção da floresta contra o desmatamento.

Em diferentes ocasiões, o ex-presidente Lula tem destacado a necessidade cuidar da floresta e dos povos indígenas e seus territórios. “Temos que cuidar da floresta e do povo amazônico para dar emprego, salário, qualidade de vida. Precisamos cuidar dos indígenas porque é até dever moral cuidar daqueles que descobriram o Brasil bem antes dos portugueses e que têm direito de viver dignamente da forma que quiserem viver para manter a cultura indígena viva. (...) O que posso dizer é não haverá garimpo em terras indígenas. Questão de lei, da constituição, um dever moral da sociedade brasileira para com os indígenas brasileiros”, disse recentemente.

As diretrizes do plano de governo do movimento Vamos Juntos pelo Brasil, da chapa Lula-Alckmin, apontam como prioridades defesa da Amazônia, combate ao desmatamento, respeito às leis ambientais e proteção dos povos indígenas, aliado ao enfrentamento das mudanças climáticas.

A diretriz 49 diz: “Vamos combater o uso predatório dos recursos naturais e estimular as atividades econômicas com menor impacto ecológico. Para isso, será necessário recuperar as capacidades estatais, o planejamento e a participação social fortalecendo o Sistema Nacional de Meio Ambiente e a Funai”.

Em outra referência ao meio ambiente, na diretriz 70, o programa, construído com a participação popular, diz que a atividade de mineração deve respeitar o compromisso com o meio ambiente e que a mineração ilegal, particularmente na Amazônia, será duramente combatida. •



# SUS PRECISA DE DINHEIRO

Durante discussão em torno do programa do novo governo, especialistas criticam a gestão Bolsonaro por ter apostado na fragilização da saúde pública brasileira. O senador Humberto Costa alerta para o problema do subfinanciamento do setor

O governo Bolsonaro promoveu um ataque sem precedentes ao Sistema Único de Saúde (SUS), retirando recursos previstos no Orçamento Federal no momento mais delicado para o país, após o enfrentamento da pandemia da covid-19. As perdas financeiras não são poucas e giram na casa de R\$ 37 bilhões. Especialistas dizem que é preciso enfrentar o subfinanciamento do setor.

“Temos de inverter a lógica do gasto público, com meta de 6% do PIB”, disse o senador Humberto Costa (PT-PE), que participou

série Diálogos pelo Brasil, organizada pela plataforma Vamos Juntos Pelo Brasil, na última segunda-feira, 5. Ele e outros especialistas debateram a reconstrução do SUS e o direito à saúde, na segunda-feira, 4.

Segundo o senador, a fragilização do SUS é resultado direto das políticas do governo Bolsonaro. Além de Humberto, que foi ministro da Saúde no governo Lula, o evento contou com as participações da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), além dos médicos e especialistas José Augusto Venda, Carlos Lula e Eliana Cruz.

Além das perdas financeiras,

o governo atuou de maneira criminosa e abandonou o povo à própria sorte. “Enfrentamos isso durante a pandemia. As mortes por Covid poderiam ser evitadas”, lamenta Humberto. “O quadro do SUS hoje exige um processo de reconstrução”. O parlamentar tratou de algumas diretrizes propostas no programa de governo Lula/Alckmin.

“A primeira coisa é cuidar da sociedade brasileira, recuperação das políticas nacionais de vacinação e atendimento adequado aos sequelados pela doença”, disse. “Temos que ampliar o controle sobre as doenças, promovendo



Reprodução/Agência Senado

## EDUCAÇÃO É ESTRATÉGICA PARA A RECONSTRUÇÃO

Na quarta-feira, 6, a série Diálogos pelo Brasil discutiu a educação como pilar da reconstrução do país. O evento contou com as participações de Dermeval Saviani, Romualdo Portela, Maria Lucia Cavalli Neder e Cesar Callegari, com mediação de Carlos Abicalil, coordenador do Núcleo de Acompanhamento de Políticas Públicas de Educação, da Fundação Perseu Abramo.

A chapa Lula-Alckmin tem como diretriz de governo para a educação o resgate e o fortalecimento dos princípios do projeto democrático de educação, desmontado e aviltado desde o Golpe de 2016. "Para participar da sociedade do conhecimento, é fundamental o resgate de um projeto de educação que dialogue com o projeto de desenvolvimento nacional", aponta a diretriz. "Para isso, é preciso fortalecer a educação pública universal, democrática, gratuita, de qualidade, socialmente referenciada, laica e inclusiva, com valorização e reconhecimento público de seus profissionais".

Professor da pós-graduação da Unicamp, Dermeval Saviani abordou a retomada do Estado Democrático de Direito a partir do texto das diretrizes apresentadas na plataforma Juntos pelo Brasil. Ele apontou a necessidade de ampliar o financiamento do setor. "A educação é fator estratégico para o desenvolvimento global do país, e pode mudar o próprio modelo de desenvolvimento atual", disse. •

**FALTAM RECURSOS** Ex-ministro da Saúde, o senador Humberto Costa (PT-PE) disse que o país precisa enfrentar o tema do subfinanciamento do SUS

ação integrada. Outra prioridade é enfrentar as doenças crônicas não transmissíveis e fortalecer o atendimento básico".

A deputada federal Jandira Feghali, do PCdoB, lembrou que após a tragédia que foi a pandemia, a população tem maior preocupação com a saúde. "Temos perdas de vidas, sequelas psicológicas em toda sociedade, seja pela perdas ou pelo confinamento, muitos casos de suicídio", advertiu.

Apesar disso, há um aspecto positivo, apontou a deputada. "Temos que realçar que o SUS voltou a ser patrimônio valorizado pela sociedade", lembrou Jandira. "Todas as classes sociais passaram a valorizar o SUS e isso tem importância política quando estamos falando de reconstrução".

A deputada disse que é necessário reafirmar a Constituição, que assegura que a saúde é direito de todos. "Não fazemos saúde sem gente e por isso temos que olhar para a carreira dos profissionais da área", disse. Segundo Jandira, é hora de valorizar médicos e profissionais da saúde com aumento salarial. "São mais de 3 milhões de trabalhadores deste setor", disse.

Ela fez um chamado para que o debate seja além da defesa do

direito à saúde, mas uma luta pela democracia. "Devemos conversar com a sociedade, explicar como funciona um sistema público e as questões federativas, temos que explicar que faltou vontade política para investir", disse. E relacionou a falta de saúde com a desigualdade social e a volta da fome ao país.

José Augusto Venda, da executiva nacional do Partido Verde e psicanalista, também reafirmou a importância de estarmos preocupados com as sequelas da Covid, assim como as emergências climáticas, que afetam as populações mais carentes, e a volta da fome. "Temos que falar sobre os agrotóxicos e lembrar o que diz o presidente Lula: ações de prevenção e apostar na construção das diretrizes do Juntos pelo Brasil", comentou.

Carlos Lula foi secretário de Saúde do Maranhão e coordenou o Conselho Nacional dos Secretários de Saúde durante a pandemia. Ele também comentou as propostas das diretrizes do plano de governo: "Desde 2017 vemos a diminuição dos recursos para saúde pública dentro do Orçamento. O SUS tem perdido muito e pode comprometer uma geração inteira. Precisamos investir na integralidade da saúde". •

INTERNACIONAL

# IX SUMMIT OF THE AMERICAS

LOS ANGELES • 2022



Jim Watson/AFP

**TIO SAM** Bolsonaro e Biden estiveram reunidos em Los Angeles, no começo de junho, durante Cúpula das Américas

## A AMEAÇA BOLSONARO

Deputados dos EUA apresentam emenda à Lei de Autorização de Defesa Nacional para 2023 estabelecendo o fim da ajuda militar ao Brasil se as FFAA interferirem nas eleições de outubro. É um tapa na cara do presidente-capitão e dos generais do Palácio do Planalto

**A**s reiteradas ameaças de Jair Bolsonaro às urnas eletrônicas e à Justiça Eleitoral pode levar o governo Joe Biden a cortar financiamento e ajuda para as Forças Armadas brasileiras. Na quinta-feira, Bolsonaro anunciou que vai chamar todos os embaixadores estrangeiros em Brasília nesta semana para falar da fragilidade das urnas eletrônicas e apontar falhas na atuação de três ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE): Luís Roberto Bar-

roso, Edson Fachin e Alexandre de Moraes.

Na terça-feira, 5, durante reunião ministerial, Bolsonaro e os generais do governo – incluindo o seu candidato a vice, o ex-ministro da Defesa Walter Braga Netto – criticaram o TSE e ameaçaram promover uma auditoria nas urnas, mesmo sem a autorização ou a consulta à Justiça Eleitoral. Na semana anterior, Braga Netto ameaçou que se não houver auditoria “não deve ter eleição”. A declaração ocorreu durante reunião com empresários

da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).

Na sexta, 8, Bolsonaro voltou a criticar ministros do TSE e a lançar dúvidas sobre o resultado das eleições de outubro. Segundo o chefe do Executivo, é “esquisito” que o presidente do tribunal eleitoral, Edson Fachin, “já saiba” o resultado do pleito. Fachin afirmou, em Washington, que o país pode ter uma versão ainda mais grave da invasão ao Congresso dos EUA, ocorrida em 6 de janeiro do ano passado, por iniciativa do então presidente Donald Trump,



Reprodução Agência Brasil



Divulgação/Wilson Center

**TUTELA** Vice na chapa do capitão, Braga Netto ameaçou não haver eleições, caso Fachin não aceite auditoria nas urnas

que queria impedir a posse de seu sucessor, Joe Biden. Trump é alvo de uma investigação de um comitê especial da Câmara e já foi apontado como responsável pelo episódio, já considerado um atentado contra as instituições americanas.

“O que se tem dito no Brasil é sobre a ocorrência de um episódio ainda mais agravado do que o de janeiro aqui [dos EUA] do Capitólio”, disse Fachin, diante de uma plateia de brasilianistas, estudiosos e assessores do Congresso dos EUA. A declaração do presidente do TSE ocorreu durante sua palestra na sede do Wilson Center, organizada pelo Brazil Institute, em Washington. O Wilson Center é um dos mais poderosos think tanks do mundo, mas, diferente da maioria dos organismos americanos de estudos é uma instituição governamental, controlada diretamente pela Casa Branca.

Desde que se instalou na Casa Branca, Biden manda mensagens contraditórias sobre Bolsonaro. Ele alertou Brasília contra os ataques às eleições e às urnas eletrônicas, mas depois convidou o líder da extrema-direita brasileira para uma reunião na Cúpula das Américas em Los Angeles.

Agora, um grupo de deputados democratas se movimentou para ajudar a Casa Branca a se decidir sobre a relação com o Palácio do Planalto. Eles apresenta-

ram emenda à Lei de Autorização de Defesa Nacional para 2023, que ameaça a continuidade da ajuda militares do Pentágono ao Brasil no próximo ano, caso os militares interferiam nas eleições presidenciais de outubro.

A Emenda 893, intitulada “Neutralidade das Forças Armadas Brasileiras Durante as Eleições Presidenciais”, exige que dentro de 30 dias da aprovação da lei, que ainda precisa passar pelo Congresso, o secretário de Estado entregue um relatório sobre a interferência das Forças Armadas brasileiras nas eleições de outubro, e considerar tais ações como “proteções estatutárias na assistência de segurança dos EUA”.

A emenda cita pontos a serem investigados: interferência na contagem de votos, manipulação para tentar reverter o resultado e participação em campanhas de desinformação para questionar o sistema eleitoral e os resultados por meio de protestos, redes sociais ou outros meios de comunicação. Caso alguns desses pontos sejam constatados, o Brasil pode vir a ser enquadrado na Seção 7.008, que prevê o fim da assistência de segurança dos EUA a países em que haja Golpe de Estado ou ataques de à democracia, o que poderia colocar em risco a condição do Brasil de aliado extra-Otan, obtida em 2019.

A emenda 893 foi proposta pelo deputado democrata Tom Malinowski, de Nova Jersey, junto com os também democratas Albio Sires (Nova Jersey), Joaquín Castro (Texas), Susan Wild (Pensilvânia), Ilhan Omar (Minnesota) e Hank Johnson (Geórgia). A proposta, assim como o Orçamento de Defesa, precisa ser aprovada pelo Congresso, num processo a ser concluído até outubro, quando começa o ano fiscal.

Legisladores democratas progressistas liderados por Hank Johnson têm pressionado a Casa Branca a esclarecer seu papel na investigação da Lava Jato e na prisão arbitrária de 2018 do candidato à Presidência Luiz Inácio Lula da Silva. Isso mostra que cada vez mais democratas estão preocupados com as ramificações de um possível golpe militar no Brasil este ano.

Em nota, o Ministério da Defesa disse não haver interferência dos militares nas eleições brasileiras. “O ministério reitera que as Forças Armadas participam, a convite do TSE, da Comissão de Transparência das Eleições (CTE)”, informa. “Nesse trabalho, as Forças Armadas apresentaram propostas técnicas para atender ao propósito do TSE de aperfeiçoar a segurança e a transparência do processo eleitoral. A participação dos militares na CTE se dá de maneira colaborativa e segue as resoluções do TSE”, afirma. •



Divulgação/PR

**NOVO MOMENTO** Gabriel Boric recebe cópia da nova Carta das mãos da presidenta da Assembleia María Elisa Quinteros e do vice Gaspar Domínguez

# NO CHILE, A NOVA CARTA DO POVO

Assembleia Constituinte finaliza o texto da nova constituição, que vai a referendo em setembro e pode enterrar o legado da ditadura de Augusto Pinochet. Boric saúda: “Começamos uma nova etapa”

**U**ma nova etapa da história política do Chile acaba de ser escrita, com a entrega ao presidente Gabriel Boric, da nova Constituição. Ele recebeu na segunda-feira, 3, o novo texto constitucional, que tem 388 artigos e 57 artigos temporários. O documento ainda será submetido a um referendo popular em setembro e, se aprovado pela população, põe fim à atual Carta Magna do país, herança maldita dos 41 anos no governo do ditador Augusto Pinochet.

“Esta proposta nos dá esperança ao nos permitir falar na Cons-

tituição da dignidade, inclusão e igualdade”, disse a presidente da Constituinte, María Elisa Quinteros, em ato formal no antigo Congresso, situado em Santiago. Na mesma cerimônia, Boric assinou o decreto que estabelece o dia 4 de setembro para o referendo. “Começamos uma nova etapa”, saudou Boric. “Será novamente o povo que terá a última palavra sobre o seu destino”.

Após a sessão plenária e um ano após sua instalação, a constituinte foi dissolvida. A campanha eleitoral para o referendo começou na terça-feira. A proposta de nova constituição diz em seu pri-

meiro artigo que “o Chile é um estado social e democrático de direito. É multinacional, intercultural e ecológico”, com uma democracia pluripartidária. O texto também reconhece a existência de 11 povos indígenas que representam 12,8% dos 19 milhões de habitantes.

Os chilenos terão duas opções no plebiscito de setembro: votam para “aprovar” o novo texto ou “rejeitar”, mantendo a Constituição imposta pela ditadura militar de 1973. Há incerteza sobre qual opção triunfará no referendo. As pesquisas públicas no início do ano deram uma clara vitória para a aprovação, embora pesquisas de junho tenham mostrado que a nova constituição atingiu nível mais baixo de aprovação entre a população chilena.

“Temos de nos sentir orgulhosos de que no momento da crise mais profunda que nosso país viveu em décadas, nós, chilenos e chilenas, optamos por mais democracia e não menos”, disse Boric, no Congresso em Santiago, após receber o texto redigido pelos 154 membros da Assembleia Constituinte. “Muito teve que acontecer, muitos sacrifícios de vidas, para poder discutir uma Constituição que nasce de um debate democrático”, disse.

Criar um sistema de saúde universal, fortalecer a educação pública, proteger o meio ambiente e a ampliação dos direitos dos povos indígenas são alguns dos principais temas da proposta. A direita chilena não aceita muitas das mudanças aprovadas pela Constituinte, já que era força minoritária entre os eleitos no ano passado.

A direita descreve o processo constitucional como um “fracasso” e “oportunidade perdida” e anunciou que fará campanha pela rejeição da mudança da Constituição, escrita durante a ditadura pinochetista. A redação do novo texto foi a solução política que o Chile encontrou para aplacar os

violentos protestos que eclodiram em 18 de outubro de 2019, exigindo maior justiça social em um país muito desigual.

A segunda-feira 4 de julho já é descrita pela mídia chilena como um dia histórico, que começou com uma cerimônia mapuche no morro de Santa Lucía, no centro de Santiago, acompanhada com tambores e trajes típicos por algumas das 17 convenções de povos indígenas que participaram da elaboração da nova Carta Magna.

Fora da cerimônia, defensores da mudança constitucional hastearam bandeiras chilenas e mapuches, ao som de "O direito de viver em paz" de Victor Jara, músico e ativista assassinado após o Golpe Militar de 1973, alternado com "Bella Ciao", hino da resistência italiana durante o regime de Benito Mussolini (1922-1945).

Depois de mais de 40 anos de um modelo econômico ultraliberal, em 2019 houve apoio transversal para a busca de um sistema que garantisse um estado de bem-estar e estabelecesse padrões para povos indígenas, minorias e questões ambientais. O reconhecimento no texto da existência de vários povos dentro da nação chilena, o que confere certa autonomia às instituições indígenas, particularmente em matéria de justiça, expôs uma fratura histórica. •



Divulgação/PR

**MARCO** Constituintes trabalharam durante um ano na nova Carta Magna

# FRANÇA ESTATIZA EMPRESA DE ENERGIA

## Macron planeja assumir controle total da EDF apontando que a medida é vital para realizar a transição da matriz energética, de combustíveis fósseis para energia limpa

A França anunciou na quarta-feira, 6, que vai estatizar completamente a companhia elétrica EDF sob a justificativa de que a medida é necessária para a transição da matriz energética do país, de combustíveis fósseis para energias limpas. O anúncio foi feito pela primeira-ministra Elizabeth Borne. O Estado francês já controlava a EDF, com 84% das ações a empresa.

"Posso confirmar hoje que o Estado pretende controlar 100% do capital da EDF", disse Borne em um discurso na Assembleia Nacional. Em preços correntes, o custo para adquirir as ações é de cerca de 5 bilhões de euros, o equivalente a R\$ 27,6 bilhões.

A estatização completa acontece em um momento de crise energética na Europa, com o alto custo dos combustíveis sendo provocado pela falta de oferta após cortes de fornecimento do gás da Rússia como retaliação as sanções impostas a Moscou por causa da invasão da Ucrânia.

O governo de Emmanuel Macron já vinha absorvendo bilhões de euros em prejuízos desde que o presidente impôs um limite nos preços das contas de eletricidade, forçando a EDF a comprar combustíveis a preços de mercado mais altos

sem repassar o custo aos consumidores.

As perdas se tornaram mais pesadas à medida que a Rússia cortou o fluxo de gás natural para a Europa, provocando um aumento nos preços do gás e da energia. A EDF também está no centro dos planos do presidente Emmanuel Macron de desenvolver a frota nuclear da França como forma de reduzir as emissões para combater as mudanças climáticas.

O país deve se aproveitar de uma resolução aprovada ainda quarta-feira no Parlamento Europeu que considera energia nuclear como uma energia "verde", o que vai ajudar a EDF a atrair mais investimentos, já que grande parte de sua produção energética vem das usinas nucleares. A chancela de "energia verde" abre espaço para a chegada de investidores privados que buscam projetos sustentáveis para fazer aportes financeiros.

Segundo a primeira-ministra, a ideia é garantir a soberania francesa durante a guerra na Ucrânia e dos desafios que se aproximam. A EDF é uma das maiores empresas de serviços públicos da Europa e vem enfrentando diversos problemas. Metade dos reatores na França estão desconectados do sistema, em parte por causa de problemas técnicos ligados à corrosão. •

Reprodução



Julho de 1975

## MOVIMENTO FEMININO PELA ANISTIA É LANÇADO

Em julho de 1975, a ex-prisioneira política Therezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino Pela Anistia (MFPA) – primeira organização a defender abertamente a anistia no país. O anúncio se deu durante uma sessão do Congresso do Ano Internacional da Mulher, realizado pela Organização das Nações Unidas, na cidade do México.

A criadora do movimento era casada com o general Euryales Zerbini, um dos quatro oficiais-generais que resistiram ao Golpe de 1964. O militar foi deposto do comando da unidade do Exército em Caçapava (SP), preso, reformado e cassado. A ativista havia sido presa em 1970, acusada de apoiar a realização do congresso clandestino

da União Nacional dos Estudantes em Ibiúna (SP), em 1968. Passou seis meses no Presídio Tiradentes, onde foi companheira de cela da futura presidenta Dilma Rousseff.

Mais tarde, Therezinha articulou um manifesto nacional, reunindo mães e familiares de presos políticos e de exilados brasileiros, que daria origem ao MFPA. O documento reuniu 16 mil assinaturas em todo o país, especialmente no Rio Grande do Sul.

Com apoio da Igreja Católica, do MDB e de entidades de classe, o movimento ganha existência legal e torna-se importante por abrir espaço para a militância democrática de setores da classe média que não tinham vínculos com a esquerda ou com a oposição.

13 de julho de 1990

## NASCE O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A juventude brasileira passa a contar com uma rede protetiva até então inédita na nossa história, em 13 de julho de 1990. Nessa data, nasce o Estatuto da Criança e do Adolescente, que coloca como prioridade absoluta a proteção e a garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

O estatuto se baseia na doutrina jurídica da “proteção integral”, o que significa que seus pressupostos conferem-lhe estatuto de cidadania universal e valem para qualquer criança ou adolescente.

Desde 1979, vigorava no Brasil o Código de Menores, que previa medidas punitivas e assistenciais apenas às crianças e adolescentes que tivessem cometido atos infracionais ou fossem consideradas em “situação irregular”.

Com o estatuto, crianças e adolescentes passaram a ter garantidos pelo Estado, pela família e pela sociedade o direito à vida, à saúde, à educação, à convivência e à profissionalização.

*Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula.*

Envie suas sugestões por e-mail para [memoria@fpabramo.org.br](mailto:memoria@fpabramo.org.br)

[memorialdademocracia.com.br](http://memorialdademocracia.com.br)

Reprodução



13 de julho de 1962

## JANGO SANCIONA A LEI DO 13º SALÁRIO

O Congresso Nacional aprova e o presidente João Goulart sanciona em 13 de julho de 1962 a lei que instituiu a gratificação de Natal, ou "13º salário". A Lei 4.090/1962 é assinada apenas 12 dias após a queda do gabinete parlamentarista, presidido por Tancredo Neves.

Assim, Jango ratifica seu compromisso com o movimento sindical, que desde o ano anterior vinha promovendo intensa mobilização pela aprovação do projeto. Esse mesmo movimento sindical levaria para as ruas, nos meses seguintes, a campanha pela volta do presidencialismo.

A aprovação do 13º não foi só um ato de governo ou uma decisão do presidente da República.

Foi o resultado de anos de negociações entre o Estado, os patrões e os trabalhadores, na maior parte das vezes marcadas por greves, abaixo-assinados, prisões e repressão. Movimentos grevistas nas décadas de 1920 e 1950 já tinham o abono natalino em suas pautas de reivindicações.

Nos anos 1960, o movimento sindical, fortalecido e com grande poder de barganha, tinha conseguido torná-lo uma reivindicação nacional, sob forte oposição dos empresários e da imprensa.

Meses antes da aprovação da lei pelo Congresso, o jornal O Globo publicou o editorial, tão bombástico quanto furado: "Considerado desastroso para o país um 13º mês de salário".

### Outras datas históricas

**12/07/1900:** Nascimento de Anísio Spínola Teixeira, jurista, intelectual, educador e escritor.

**11/07/1901:** Nascimento de Antonieta de Barros, militante do movimento negro, política, que se tornaria a primeira mulher deputada estadual negra do país.

**11/07/1902:** Nascimento de Sérgio Buarque de Holanda, historiador, escritor, sociólogo, jornalista e crítico literário.

**10/07/1905:** Nascimento de Agildo Barata, militar, um dos revolucionários de 1932, fundador da Aliança Nacional Libertadora, militante do PCB.

**10/07/1925:** Nasce Clóvis Moura, sociólogo, escritor, militante do movimento negro.

**08/07/1936:** Fundação da primeira Associação de Trabalhadoras Domésticas do país, por Laudelina de Campos Melo, líder sindical e ativista antirracista.

**09/07/1937:** A capoeira deixa de ser considerada crime durante o governo de Getúlio Vargas. Manuel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, consegue o registro para a primeira academia no país reconhecida pela Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública com o apoio de Getúlio.

**12/07/1975:** Independência de São Tomé e Príncipe, uma das últimas colônias portuguesas no continente africano.

**13/07/2001:** Lançamento do Processo de Eleições Diretas (PED) no Partido dos Trabalhadores (PT), em âmbito nacional.

**13/07/2013:** Fundação do *Black Lives Matter* (EUA).

# O FOLHETIM QUE TODOS AMAM

A nova versão de *Pantanal*, exibida pela Globo, é um achado e conquista audiência recorrendo aos velhos truques da dramaturgia. Mas tem elenco estelar, direção primorosa e uma fotografia encantadora, como na versão exibida em 1990 pela Rede Manchete

**Bia Abramo**

**N**a última semana, a novela que fez muita gente voltar a acompanhar um folhetim teve cenas de impacto: o casal Juma e Jove finalmente transou. Os atores Aline Guillén e Jesuíta Barbosa, que vinham adiando este momento por várias semanas, entre a tapera e a fazenda de José Leôncio, protagonizaram cenas quentes e que fizeram a hashtag *Pantanal* ficar por três horas nos trending topics do Twitter. Também por que os moralistas de plantão ficaram chocados com

as referências sexuais nada implícitas: apesar da nudez apenas parcial, pelos diálogos não havia como ter dúvida do que estava acontecendo ali.

No mesmo capítulo, outro casal, Muda e Tibério, fizeram o contraponto romântico e protagonizaram uma cena clássica de telenovelas: Tibério, peão sério, mais velho, e que arrasta a asa para a jovem Muda há tempos, pediu a moça em casamento.

A refacção de *Pantanal*, exibida 30 anos atrás pela extinta Manchete, tem agora na Globo uma produção cuidadosa, cara e com elenco estelar. Na abertura, ouvi-

mos Maria Bethânia entrar com a gravidade inconfundível de sua voz – e a precisão absoluta com a qual escande as palavras dentro da melodia – começar os versos da canção-tema de Marcos Viana: “São como veias, serpentes/ Os rios que trançam o coração do Brasil/ Levando a água da vida/ Do fundo da terra ao coração do Brasil”.

Os acertos desta versão da novela, do roteiro à escolha de atores muito semelhantes fisicamente com aqueles que tiveram papéis na década de 1990, são tantos que a audiência da novela, em seu primeiro mês, registrou os maiores índices em anos. A nova versão re-

petiu o feito da Manchete quando exibiu a primeira versão: a primeira experiência em teledramaturgia de uma emissora localizada em São Paulo ameaçou a hegemonia da Globo que já durava pelo menos 20 anos.

Em vez do gigantismo das produções globais, com histórias passadas ou bem nas duas maiores cidades do Sudeste, São Paulo e Rio, ou num Nordeste genérico, a Manchete optou por um texto de Benedito Ruy Barbosa sobre um interior do Brasil ainda pouco conhecido por brasileiras e brasileiros que não eram da região Centro-Oeste.

Seja pela vastidão das áreas alagadas do Pantanal matogrossense, seja pela exuberância da fauna e as paisagens deslumbrantes, a novela, exibida num horário intermediário daquelas da concorrente, permitia nudez parcial e violência. E, por isso, emplacou com rapidez. De quebra, ainda deu um recado para a Globo: sua liderança estava ameaçada e, pior, havia um público de nicho pronto para pular fora, caso tivesse alternativa.

*Remakes* na Globo não são novidade, nem de novelas próprias bem-sucedidas nem de outra emissora. No entanto, a julgar pelo apuro com que foi tratada *Pantanal 2022*, a aposta dessa vez foi bem mais alta do que o habitual.

Para o consumidor de audiovisual contemporâneo, sobretudo os mais jovens e com acesso às plataformas de *streaming*, é um formato completamente contraintuitivo. Tem de ver todos os dias para de fato não perder nada da história, não fica disponível depois, é entrecortado de intervalos comerciais e dura uma eternidade – coisa de quatro, cinco, seis meses. Pior: te prende em casa no mesmo horário por todo esse tempo.

É claro que para tudo isso acha-se a gambiarra que vai desde a mais cara, que é assinar o

serviço de *streaming* da própria Globo, até os truques mais baratos, que consistem em acompanhar por rede social ou sites especializados. Como apontou o crítico Maurício Stycer, em resenha publicada no UOL: “A gente estava precisando de *Pantanal* e não sabia”. Ele atribuiu os altos índices de audiência da telenovela à “curiosidade de gente nostálgica da era de ouro das novelas (décadas de 1980 e 1990), e que havia trocado os mais recentes folhetins da TV aberta pelas séries das plataformas de *streaming*”.

Até agora, apesar do viés de baixa das férias, *Pantanal* tem se mantido num equilíbrio razoável entre teledramaturgia realmente bem feita e com momentos de brilho e os capítulos entediantes nos quais os mesmos personagens tem mais ou menos as mesmas conversas nos mesmos lugares, ou brigam pelas mesmas coisas e fazem as pazes do mesmo jeito.

A fonte literária da telenovela, o melodrama publicado de forma seriada no século 19 em jornais e revistas, também padecia do mesmo mal, até que sobreviesse ao autor alguma ideia mirabolante de como resolver os conflitos e interdições de determinado personagem. Hoje, com o dinheiro grosso envolvido nos contratos publicitários e os custos de produção, faz-se monitoramento fino e constante de redes sociais e audiência.

O que não parece ter mudado, do século 19 até os dias de hoje, é a força atrativa de que ainda tem as histórias de amor, sejam comportadas e castas, sejam descabeladas. Em certo sentido, se *Pantanal 2022* manera na nudez e no sexo, compensa com personagens femininas fortes e empoderadas, como a mulher do vilão da história, Tenório, a submissa Maria Bruaca. Vivida pela excelente Isabel Teixeira, a personagem, que inicia a novela apagada, calada e sendo destrutada pelo marido, co-

meça a perceber o quanto é oprimida e vítima de abuso verbal do marido e da filha Guta até que se revolta, se recusando a fazer serviço doméstico e seduzindo os empregados do marido.

A ambiguidade da emissora está presente em suas produções desde que a telenovela achou uma linguagem “brasileira”, nos anos 1970. Oferecendo uma vela para o progressismo nas relações familiares, como na criação de tramas com famílias de mães solo ou com adultos separados e outra para o conservadorismo, mantendo os desenlaces com casamentos pomposos na igreja e matando os vilões mais amorais, as produções se mantêm numa equidistância para acomodar, afinal, as sensibilidade de milhões de espectadores de diversas idades, origens sociais e regiões do Brasil.

*Pantanal* não haveria de ser diferente. Há sempre detalhes que são muito eloquentes: como Juma, a menina-onça, está sempre depilada debaixo do braço? Por que não há nenhum indígena? como a família de Jove conseguiu a façanha de não ter um membro que trabalhasse desde o início da trama? Como José Leônício é um empresário podre de rico e tão ecológico?

Se todo o entretenimento suporta algum tipo de suspensão de descrença, a novela pede ainda mais, além da paciência de aguentar o ritmo: ela exige uma certa alienação momentânea e um desligamento temporário do senso crítico. Como aponta Stycer, “a gente estava precisando de uma novela sem vergonha de ser novela, com ótima direção (de Rogério Gomes), lindamente fotografada, texto inteligente, elenco de primeira e música de qualidade. Uma novela que filosofa sobre o senso comum, sugere que a camaradagem supera todos os obstáculos e ensina que existe beleza na ignorância”. •



## BRASIL DÁ ADEUS A D. CLÁUDIO HUMMES

Lula lamenta a morte do cardeal e lembra seu papel como defensor dos humildes, dos índios e dos pobres. "Foi um seguidor dos ensinamentos de Jesus Cristo", disse. Papa Francisco lembrou dos conselhos do amigo

O Brasil perdeu um dos seus mais influentes líderes religiosos na última semana. Na segunda-feira, 4, morreu em São Paulo, aos 87 anos, o cardeal dom Cláudio Hummes, vítima de um câncer no pulmão. Nas redes sociais, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva lamentou a morte do líder religioso, a quem considerava amigo e um grande sacerdote. "Foi um seguidor dos ensinamentos de Jesus Cristo. Descanse na paz do Senhor", disse. Ele esteve no velório do arcebispo emérito de São Paulo, na Catedral da Sé.

O papa Francisco lamentou a morte do cardeal brasileiro Cláudio Hummes, lembrando da relação de amizade e do conselho dado pelo arcebispo emérito de São Paulo durante o conclave que o fez líder da Igreja Católica em 2013. Ele enviou telegrama ao arcebispo de São Paulo, cardeal Odilo Scherer.

"Trago sempre vivas na memória as palavras que dom Cláudio me disse no dia 13 de março de 2013, pedindo-me que não me

esquecesse dos pobres. Como penhor de consolação e de esperança na vida eterna, envio a vossa eminência e a todos que se unem em oração para as exéquias do cardeal Hummes, a bênção apostólica", escreveu.

Dom Cláudio Hummes foi bispo diocesano de Santo André (SP), e arcebispo de Fortaleza e de São Paulo. Ele tinha doutorado em filosofia, com especialização em ecumenismo no Bossey Institute em Genebra. Ainda atuou como professor, teólogo, reitor e bispo.

Hummes ocupou a função de presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), e da recém-criada Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA). Ele dedicou boa parte de sua vida à causa da população em situação de vulnerabilidade, como operários e os pobres. Ele trabalhou no Vaticano entre 2006 e 2011, ao lado do papa Bento 16, como prefeito da Congregação para o Clero. •

## PAÍS PERDE SÉRGIO ROUANET

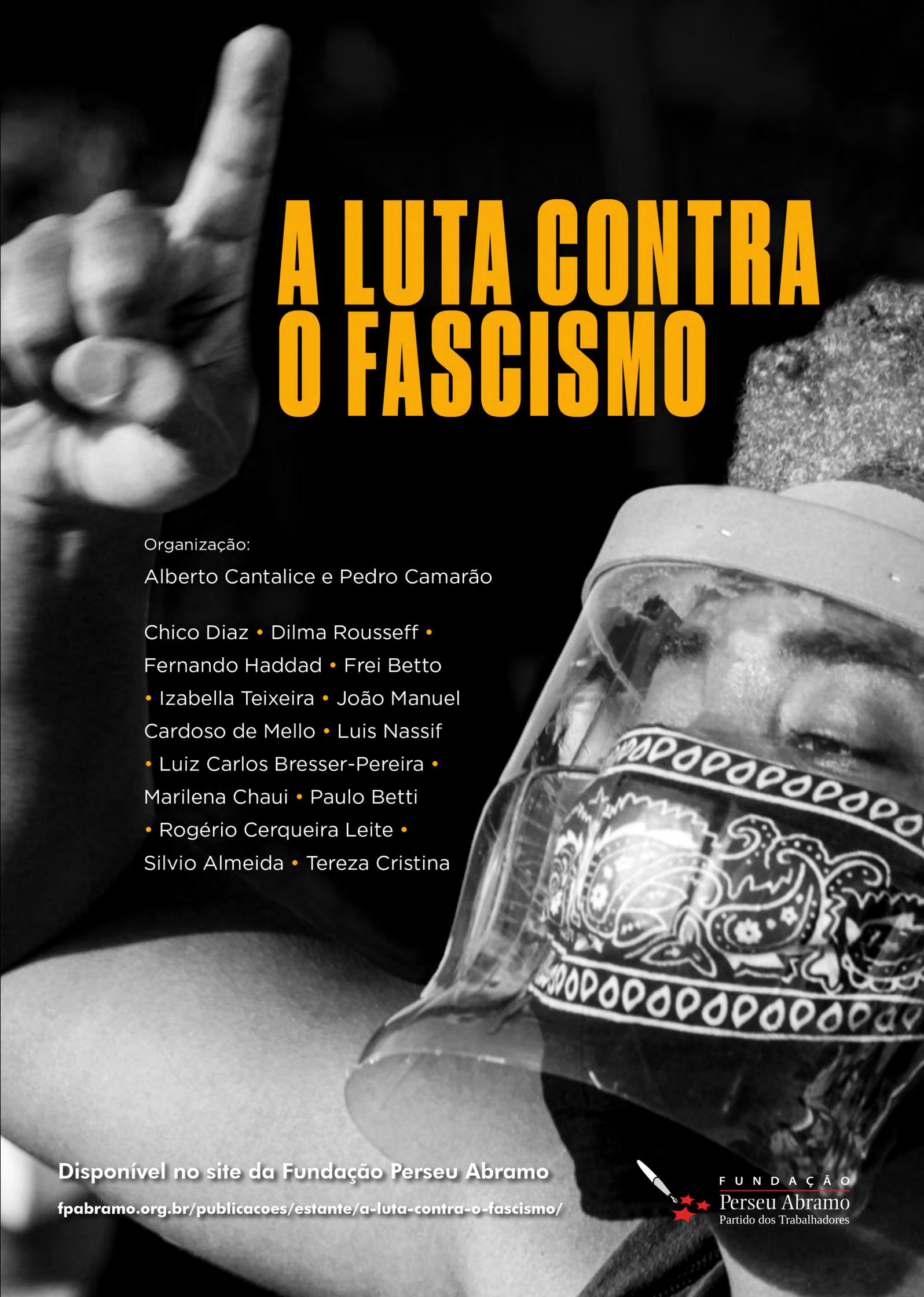
O Brasil perdeu, no domingo, 3, o diplomata Sergio Paulo Rouanet, autor da lei que beneficia a cultura no Brasil. Ele faleceu em decorrência de problemas causados pela síndrome de Parkinson. .

Ex-ministro da Cultura, Rouanet tinha 88 anos. Ele deixou a mulher, a filósofa alemã Barbara Freitag, e três filhos: Marcelo, Luiz Paulo e Adriana. A Lei Rouanet foi criada por ele durante o governo de Fernando Collor e modificada, quase três décadas depois, pelo presidente Jair Bolsonaro.

Rouanet nasceu no Rio em 23 de fevereiro de 1934, filho de Paulo Luís Rouanet e Hebe Cunha Rouanet. Viveu quase nove décadas, dedicando a maior parte de sua trajetória à área acadêmica e, sobretudo, à cultura.

Rouanet tinha 20 anos quando, em 1954, estreou no jornalismo cultural, colaborando com um artigo semanal para o jornal Suplemento Literário. Quase 40 anos depois, em 1992, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Era o oitavo ocupante da Cadeira nº 13, na sucessão de Francisco de Assis Barbosa, tendo sido recebido pelo acadêmico Antonio Houaiss.

Ao longo de sua carreira, Rouanet assinou artigos para prestigiadas revistas brasileiras e internacionais. É autor dos livros "O homem é o discurso - Arqueologia de Michel Foucault", "Imaginário e dominação", "Itinerários freudianos em Walter Benjamin", "Teoria crítica e psicanálise", "A razão cativa", "Riso e melancolia", entre outros. •



# A LUTA CONTRA O FASCISMO

Organização:

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Chico Diaz • Dilma Rousseff •  
Fernando Haddad • Frei Betto  
• Izabella Teixeira • João Manuel  
Cardoso de Mello • Luis Nassif  
• Luiz Carlos Bresser-Pereira •  
Marilena Chaui • Paulo Betti  
• Rogério Cerqueira Leite •  
Silvio Almeida • Tereza Cristina

Disponível no site da Fundação Perseu Abramo

[fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-a-o-fascismo/](http://fpabramo.org.br/publicacoes/estante/a-luta-contr-a-o-fascismo/)



FUNDAÇÃO  
Perseu Abramo  
Partido dos Trabalhadores

# BICENTENÁRIO

1822 ..... 2022



**DUZENTOS ANOS DE LUTA  
PELA INDEPENDÊNCIA**



FUNDAÇÃO  
**Perseu Abramo**  
Partido dos Trabalhadores

**20**  
*anos*

Centro  
**Sérgio  
Buarque  
de Holanda**  
Documentação e  
Memória Política  
instituído em 2001